



Escola de Comunicação e Artes

Licenciatura em Jornalismo

Trabalho de Culminação de Curso

Preferência Mediática das Pessoas com Deficiência Visual na Cidade de Maputo: Uma Análise Centrada na Teoria dos Usos e Gratificações

Candidato: Diaxolino das Neves Vitorino Derré

Supervisor: dr. Hélio Norberto

Co-Supervisor: Msc. Mário Fonseca

Maputo, Dezembro de 2024

Escola de Comunicação e Artes

Licenciatura em Jornalismo
Trabalho de Culminação de Curso

Preferência Mediática das Pessoas com Deficiência Visual na Cidade de Maputo: Uma Análise Centrada na Teoria dos Usos e Gratificações

Monografia apresentada no curso de
Licenciatura em Jornalismo na Escola de
Comunicação e Artes da Universidade Eduardo
Mondlane como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura em Jornalismo

Candidato: Diaxolino das Neves Vitorino Derré

Supervisor: dr. Hélio Norberto

Co-Supervisor: Msc. Mário Fonseca

Maputo, Dezembro de 2024

Escola de Comunicação e Artes

Licenciatura em Jornalismo
Trabalho de Culminação de Curso

Preferência Mediática das Pessoas com Deficiência Visual na Cidade de Maputo: Uma Análise Centrada na Teoria dos Usos e Gratificações

Monografia apresentada no curso de
Licenciatura em Jornalismo na Escola de
Comunicação e Artes da Universidade Eduardo
Mondlane como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura em Jornalismo

Candidato: Diaxolino das Neves Vitorino Derré

JÚRI

Presidente: Msc. Anabela Safrão
Escola de Comunicação e Artes

Supervisor: dr. Hélio Norberto
Escola de Comunicação e Artes

Oponente: Msc. Inácio Macamo
Escola de Comunicação e Artes

Maputo, 13 de Dezembro de 2024

Dedicatória

Ao meu irmão, Yurade Alcides Vitorino Derré

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta jornada académica, encontrei inspiração, apoio e orientação de indivíduos que merecem o meu reconhecimento. Suas contribuições foram fundamentais para a realização deste estudo, e é com imensa satisfação que expresso os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que tornaram possível esta conquista.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que me tem acompanhado em todos os meus caminhos, conduzindo-me a cada passo.

À minha querida irmã, Eleutéria Derré, expressar a minha gratidão por tê-la na minha vida é um desafio. Minha grande amiga, meu suporte, aconchego e parceira ao longo da minha trajetória. Sua paciência, ensinamentos e amor são inestimáveis. Obrigado, mana Ita.

Minha amada mãe, Helena Nuvunga, minha heroína e rainha, que me trouxe ao mundo, me educou e continua me educando da melhor forma possível. Não mede esforços para me proporcionar o necessário e até alguns caprichos.

Ao meu amado pai, Vitorino Derré, meu herói, agradeço pelo apoio incondicional, por sua grande contribuição para a pessoa que sou hoje. Espero um dia ser a metade do que o senhor é.

Yurade Derré, amado irmão, sua presença é uma fonte constante de inspiração para me tornar uma pessoa melhor. Devo boa parte do que sou hoje a si.

Almirante Derré, amado irmão, agradeço pela companhia, pelos momentos descontraídos e pela amizade valiosa que compartilhamos.

Calucha Manhiça, dona do meu coração, é a minha fonte de inspiração nas lutas diárias. Sua amizade, companhia, parceria, conselhos e amor são inestimáveis para mim.

Aos supervisores, Mário Fonseca e Hélio Norberto, agradeço por me conduzirem com paciência e corrigirem minhas falhas ao longo desta jornada.

Aos membros do meu grupo, Júlio Magalo, Lourenço Nhandoro, Sidney Bernardo e José Nambire, sou grato pela vossa amizade, apoio emocional e técnico-científico ao longo desta jornada.

Orlando Mathe, meu amigo de longa data, obrigado pelos conselhos, suporte e direcção, por seu apoio inestimável.

Aos participantes do estudo, entre os quais estudantes e docentes da Universidade Eduardo Mondlane e membros da Associação dos Cegos e Amblíopes de Moçambique, endereço a minha mais profunda gratidão por tornarem este trabalho possível.

Desejo também expressar um agradecimento especial ao programa radiofónico “*Mais Inclusão*”, anteriormente designado “*Deficiência em Moçambique*”. Foi durante o meu estágio nesse programa que fui inserido no tema que escolhi para a minha monografia. A experiência e a motivação que obtive através desse estágio foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Além disso, não posso deixar de mencionar, meu supervisor durante o estágio, Abdul Remane, que desempenhou um papel essencial na minha formação e no apoio a minha pesquisa.

Resumo

O presente estudo analisa as preferências e as gratificações obtidas pelas pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo por meio da informação jornalística disponibilizada pela *media* moçambicana. Com recurso ao método misto (quantitativo e qualitativo), numa amostra diversificada de 30 participantes, conclui-se que a rádio é o meio de comunicação preferido para a recepção da informação e que o grupo social em apreço extrai diversas gratificações do consumo da *media* incluindo informação, conhecimento, companheirismo, diversão ou entretenimento, exploração da realidade, referência própria e utilidade social. É importante destacar que informação, conhecimento e exploração da realidade são as gratificações predominantes para todos os participantes que acompanham informações jornalísticas neste estudo.

Palavras-Chave: Pessoas com Deficiência Visual, *Media*, Usos e Gratificações

Abstract

The present study analyzes the preferences and gratifications that people with visual impairments in Maputo obtain from journalistic information published in the Mozambican media. Using a mixed method (quantitative and qualitative), in a diverse sample of 30 participants, it is concluded that radio is the preferred means of communication for receiving information and that the social group in question extracts various gratifications from media consumption, including information, knowledge, companionship, fun or entertainment, exploration of reality, self-reference and social utility. It is important to highlight that information, knowledge and exploration of reality are the predominant gratifications for all participants who follow journalistic information in this study.

Keywords: People with Visual Impairment, Media, Uses and Gratifications

Índice

Dedicatória.....	iii
AGRADECIMENTOS	iv
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Lista de Tabelas e Gráficos	x
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Tema:	2
1.2 Pergunta de partida:	2
1.3 Problemática	2
1.4 Hipóteses	5
1.5 Justificativa.....	6
1.6 Objectivos.....	7
1.6.1 Geral	7
1.6.2 Específicos.....	7
2. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	8
2.1 Deficiência – Definição e tipos	8
2.1.1 Conceito.....	8
2.1.2 Tipos de deficiência segundo França & Martins (2019)	9
2.2 Prevalência da Deficiência no país e no mundo	11
2.3 Conceito de informação segundo Sousa (2006)	12
2.4 Legislação sobre o Direito à informação	13
2.5 <i>Media</i>	14
2.6 Acessibilidade da informação para pessoas com deficiência visual.....	14
2.7 Papel do Jornalismo na sociedade	16

2.8 Audiência.....	17
2.9 Teoria dos usos e gratificações.....	18
2.9.1 Tipologia da interação entre os <i>media</i> e as pessoas segundo McQuail, <i>et al.</i> , 1972 citados por McQuail, 2003.....	19
3. METODOLOGIA.....	24
3.1 Tipo de estudo	24
3.2 População do estudo	25
3.3 Amostragem e tamanho da amostra.....	26
3.4 Técnica e instrumento de recolha de dados	27
3.5 Categorias de análise	27
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
Referências Bibliográficas.....	50
Apêndice.....	53

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1: Características sociodemográficas dos participantes do estudo	29
Gráfico 1: Consumo de informações jornalísticas por parte dos participantes do estudo	31
Gráfico 2: Meios de recepção da informação usados pelos participantes	33
Gráfico 3: Número de meios de recepção da informação	33
Tabela 2: Meios de comunicação social usados pelos participantes e respectivas razões	34
Gráfico 4: Preferência quanto ao meio de recepção da informação	35
Tabela 3: Meios de Comunicação social preferidos pelos participantes e respectivas razões	35
Tabela 4: Programas jornalísticos que os participantes acompanham e respectivos canais	37
Tabela 5: Mensagem <i>versus</i> comunicador	39
Gráfico 5: Frequência semanal de consumo de conteúdo jornalístico	40
Gráfico 6: Período de consumo de produtos jornalísticos	40
Tabela 6: Período de consumo de produtos jornalísticos e respectivas razões	41
Tabela 7: Razões do consumo de produtos jornalísticos	42
Tabela 8: Interesse em produtos jornalísticos	42
Gráfico 7: Gratificações	43

1. INTRODUÇÃO

Nos dias actuais, a evolução das tecnologias de comunicação e *media* desempenha um papel de destaque, proporcionando acesso a uma vasta riqueza de informações. No entanto, a acessibilidade dessas *medias* a todos os membros da sociedade, incluindo aqueles com deficiência, no geral, e com deficiência visual, em especial, permanece uma questão de extrema importância e urgência. Na Cidade de Maputo, como em muitas partes do mundo, indivíduos com deficiência visual enfrentam desafios particulares ao buscar meios de comunicação e informação que atendam às suas necessidades e interesses. A presente pesquisa centra-se na *Preferência Mediática das Pessoas com Deficiência Visual na Cidade de Maputo*, explorando como elas escolhem, utilizam e se beneficiam dos diferentes tipos de *media* disponíveis.

Esta pesquisa fundamenta-se na teoria dos usos e gratificações, que coloca o foco nas motivações individuais por detrás do consumo da *media*. Ademais, traz a vista elementos anteriores, durante e posteriores ao consumo da *media*. Portanto, propõe uma interligação entre distintos elementos como o acesso à informação, características pessoais e sociais do destinatário, habituação e familiaridade com um determinado meio e competência comunicativa deste, até chegar às gratificações em si. Ao entender as preferências e os usos específicos da *media* por parte das pessoas com deficiência visual, busca-se trazer pontos que destacam como a *media* pode ser mais inclusiva e adaptada às suas necessidades, garantido uma participação plena e igualitária na sociedade da informação.

Eis a estrutura do trabalho: no início apresentam-se o tema, a pergunta de partida, a problemática seguida das hipóteses, justificativa e objectivos. Em seguida aborda-se a revisão da literatura que engloba aspectos relevantes sobre acessibilidade da informação, teoria dos usos e gratificações e estudos anteriores relacionados com este tópico. Posteriormente descreve-se a metodologia adoptada para esta pesquisa incluindo os métodos de colecta de dados e as categorias de análise. No capítulo seguinte apresentam-se os resultados da pesquisa seguidos das considerações finais que destacam as implicações teóricas e práticas do presente estudo.

Ao fim deste trabalho, o investigador tem como expectativa contribuir para uma compreensão mais profunda das necessidades e preferências das pessoas com deficiência visual em relação à *media*, incluindo práticas que promovam a inclusão e a igualdade de acesso à informação na Cidade de Maputo e além-fronteiras.

1.1 Tema:

Preferência mediática das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo: uma análise centrada na teoria dos usos e gratificações

1.2 Pergunta de partida:

- Que gratificações as pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo obtêm da informação jornalística veiculada na *media* moçambicana?

1.3 Problemática

A divulgação da informação, através da *media*, para um público vasto e heterogéneo exige uma compreensão profunda das diferenças entre os indivíduos para aproveitar as potencialidades de cada um, contribuindo assim para o desenvolvimento nacional e global. No entanto, esse desafio torna-se profundo quando se considera a presença significativa de pessoas com deficiência.

Estima-se que mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo convivem com alguma forma de deficiência. Uma em cada sete pessoas no mundo possui alguma deficiência (Relatório Mundial das pessoas com Deficiência, 2011).

Em todo o mundo, essas pessoas apresentam piores perspectivas de saúde, níveis mais baixos de escolaridade, participação económica menor e taxas de pobreza mais elevadas em comparação às pessoas sem deficiência. Em parte, isto se deve ao facto das pessoas com deficiência enfrentarem barreiras no acesso a serviços como saúde, educação, emprego, transporte e informação (*ibidem*).

A deficiência faz parte da condição humana. Quase todas as pessoas terão uma deficiência temporária ou permanente em algum momento de suas vidas e aquelas que sobreviverem ao envelhecimento enfrentarão dificuldades cada vez maiores com a funcionalidade dos seus corpos (*ibidem*).

Em 2012, Moçambique contava com cerca de 475.011 pessoas com deficiência, o que equivale a 2% do total da população moçambicana estimada em 23.700.715 habitantes. 9.4% desse número corresponde a cegueira (Plano Nacional da Área da Deficiência, 2012).

Até 2017, em Moçambique existiam cerca de 727.620 pessoas com deficiência, das quais 58.021 com deficiência visual, o que revela um significativo aumento entre 2012 e 2017. Colocando o

número das pessoas com deficiência visual a parte, resta outro, que corresponde a outras deficiências como é o caso da paralisia e da deficiência auditiva (INE, 2017).

A informação é bastante importante pois nos permite saber o que acontece no país e no mundo e assim tomar as melhores decisões no nosso dia-a-dia ou decisões no mínimo fundamentadas, ou como reforça Juliotti (2022) ao referir que o papel da comunicação é de elevar o conflito social a um patamar de discussão, onde a crítica constrói novos argumentos para enfatizar direitos básicos como é o caso do acesso à informação. Deste modo, o jornalismo, enquanto agente social, tem a capacidade de dar visibilidade às principais temáticas que permeiam a sociedade.

Nesse sentido, a legislação nacional e internacional enfatiza o direito à informação, inclusive para pessoas com deficiência, como evidenciado na Constituição da República de Moçambique (Artigo 48); Lei de Imprensa Moçambicana 18/91 de 10 de Agosto (Artigo 3); Declaração Universal dos Direitos Humanos (Artigo 19); Protocolo à Carta Africana dos Direitos Humanos e dos povos relativo aos Direitos das Pessoas com Deficiência em África (2018) cuja ratificação em Moçambique foi aprovada pelo parlamento em 2021 (Artigos 23 e 24).

A *media* estimula a reflexão crítica sobre os mais diversos assuntos, transforma informação em conhecimento e garante ao cidadão o direito de ampliar o seu repertório intelectual e de participar com consciência dos debates que se estabelecem na arena pública. Ela também contribui para o diálogo sobre a cidadania. Faz com que os cidadãos ajam como tal e estes, conscientes dos seus direitos, possam lutar por eles (JULIOTTI, 2022).

A comunicação é ampla. Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2008), ratificada por Moçambique em 2012, a comunicação compreende as línguas, a visualização de textos, o Braille, a comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos *multimedia* acessível, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizada e os modos, meios e formatos alternativos de comunicação, inclusive a tecnologia de informação e comunicação acessíveis. A língua abrange as línguas faladas e de sinais e outras formas de comunicação não falada.

Entretanto, a *media* Moçambicana enfrenta desafios na acessibilidade da informação jornalística, particularmente para atender às pessoas com deficiência visual; A inexistência de jornais em

Braille é um bom exemplo disso, considerando que a comunicação tátil é o ponto forte desse grupo social.

Esse fenómeno conduz e confina possivelmente as pessoas com deficiência visual à rádio, televisão e internet, no entanto, os dois últimos implicam numa maior necessidade de descrição das imagens, o que nem sempre é observado devido à sua natureza pois na televisão por exemplo, há uma estreita necessidade de combinar o texto com a imagem. Assim, pode-se inferir que a rádio, considerando suas características, leva uma larga vantagem nesse sentido configurando-se no meio que melhor deixa confortável o grupo social em apreço embora possa não ser totalmente satisfatória em termos de experiência.

Diante desse cenário, a promoção de tecnologias assistivas e a implementação de conteúdo jornalístico mais acessível tornam-se essenciais para melhorar a acessibilidade da informação garantido que o grupo social em apreço também usufrua plenamente do direito à informação.

Contudo, mesmo diante de várias limitações, há quem consegue ter acesso à informação jornalística, o que foi possível aferir a partir de uma conversa informal que o pesquisador teve com algumas pessoas com deficiência visual que, em linhas gerais, compartilharam a seguinte experiência:

Consigo ter acesso às notícias. Escuto mais a rádio pela acessibilidade enquanto no jornal não tenho como porque no país não temos nenhum em Braille. Às vezes vou à televisão mas geralmente, algumas informações passam despercebidas, no entanto como acompanho estando em casa, às vezes pergunto à quem estiver do meu lado o que estão a transmitir mas nem sempre consegue me dizer, às vezes por distração, o que me deixa um pouco chateado porque eu gostaria era mesmo de consumir essas informações também (Trecho de Conversa, 2022).

Tenho acesso às informações através da rádio mas às vezes fico um pouco incomodado porque há pouca descrição das notícias, nem sempre é possível perceber por completo o que transmitem. Contudo, é melhor do que a televisão, pois lá a coisa é ainda mais dura, por isso simplesmente não acompanho à televisão, prefiro a rádio pois mesmo agindo às vezes como a televisão, consigo saber mais coisas do que em qualquer outro meio (Trecho de Conversa, 2022).

A teoria dos usos e gratificações, concebida em 1940, sugere-nos que as pessoas usam a *media* para satisfazer necessidades específicas, ou seja, o consumo dos conteúdos mediáticos é mediante alguma gratificação que o membro da audiência extrai.

A aplicação da teoria dos usos e gratificações nesta pesquisa oferece uma estrutura sólida para compreender como as pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo utilizam os meios de

comunicação para satisfazer necessidades específicas. Esta teoria reconhece que o consumo de conteúdos mediáticos é motivado pela busca activa de gratificações pessoais.

No contexto da deficiência visual, entender as gratificações obtidas pela informação jornalística permite identificar padrões de consumo, canais preferenciais e as motivações subjacentes. Além disso, esta teoria propõe uma abordagem centrada no usuário, levando em consideração as características individuais, a competência comunicativa dos meios e as especificidades desse grupo, contribuindo para uma análise mais aprofundada das limitações de consumo de informação, e conseqüentemente, oferecendo assim conhecimentos específicos para aprimorar a acessibilidade na *media*.

O que nos conduz à seguinte questão de partida:

Que gratificações as pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo obtêm da informação jornalística veiculada na *media* moçambicana?

Através de que canais as pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo obtêm a informação jornalística?

Quais são as preferências dos participantes do presente estudo quanto aos canais de recepção de informação e que razões estão por detrás desse fenómeno?

1.4 Hipóteses

- A maioria das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo não manifesta nenhuma gratificação pois as suas possibilidades de acesso à informação jornalística, veiculada na *media* moçambicana são limitadas.
- Algumas pessoas com deficiência visual preferem a rádio para ter acesso à informação jornalística obtendo gratificações como a própria informação, conhecimento, companheirismo e diversão ou entretenimento.
- Valendo-se do recurso auditivo há pessoas com deficiência visual que recorrem a plataformas específicas para reproduzir em forma de áudio os conteúdos jornalísticos que lhes chegam em forma de texto e assim desfrutar das gratificações.

1.5 Justificativa

A motivação para a pesquisa sobre *Preferência mediática das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo: uma análise centrada na teoria dos usos e gratificações* está assente em várias dimensões:

O interesse em abordar uma questão ligada a este grupo social foi motivado pelo meu estágio no programa radiofónico “*Mais Inclusão*”, anteriormente denominado “*Deficiência em Moçambique*”, cujo objectivo, como o nome sugere, é de abordar assuntos ligados às pessoas com deficiência. Nesse ambiente, tive a oportunidade de imergir na realidade das pessoas com deficiência no geral, e das pessoas com deficiência visual em especial, sensibilizando-me com as suas necessidades e desafios únicos.

Percebi a necessidade de ampliar a representação e visibilidade do grupo social em apreço na esfera pública. Como parte do meu compromisso de servir à sociedade, este estudo busca dar voz e reconhecimento a uma minoria muitas vezes negligenciada, mas que merece ser plenamente representada.

A nível social, o presente estudo vai ajudar na melhor organização da comunicação social. Portanto, ajudará a adaptar a *media* para atender às necessidades específicas das pessoas com deficiência visual, contribuindo para o cumprimento do seu papel primordial de informar a sociedade e abordar sua diversidade.

A nível académico (científico), o presente estudo servirá de base ou de material auxiliar ou complementar para futuras pesquisas relacionadas com o tema. Sendo escassa a literatura sobre a deficiência no país, em geral, e sobre *Media* e deficiência, em especial, este material revela-se importante na medida em que vem combater essa escassez e incentivar o investimento intelectual, que é necessário na área em apreço.

Portanto, esta pesquisa não apenas se baseia em experiências pessoais e empatia, mas também promete contribuir significativamente para a sociedade, a comunicação social e o conhecimento académico, buscando uma inclusão mais completa e respeitosa das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo e além-fronteiras.

1.6 Objectivos

1.6.1 Geral

- Analisar as preferências e as gratificações obtidas pelas pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo por meio da informação jornalística disponibilizada pela *media* moçambicana

1.6.2 Específicos

- Descrever as características sociodemográficas dos participantes do presente estudo;
- Analisar o nível de acesso à informação jornalística por parte das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo;
- Identificar as preferências das pessoas com deficiência visual quanto aos canais de recepção de informação apontando as razões;
- Aferir a frequência de acesso à informação jornalística pelas pessoas com deficiência visual;
- Discutir o nível de interesse que as pessoas com deficiência visual têm pela informação jornalística;
- Identificar as preferências e as gratificações obtidas pelas pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo por meio da informação jornalística disponibilizada pela *media* moçambicana

2. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Este capítulo inicia com o esclarecimento dos principais conceitos que norteiam a presente pesquisa. Na sequência apresentam-se alguns tipos de deficiência com vista a enquadrar melhor o que constitui o alvo da pesquisa. Os principais conceitos inicialmente discutidos são: deficiência e deficiência visual. É neste capítulo que também são apresentados alguns dados sobre a prevalência da deficiência no país e no mundo a partir dos dados mais recentes para essa questão. Há também a apresentação da legislação referente ao direito de acesso à informação, apresentação do papel do jornalismo na sociedade e discussão dos conceitos de *media* e audiência com vista um melhor enquadramento. O capítulo finaliza com a exposição dos principais pontos da teoria dos usos e gratificações que se revela fundamental na compreensão do objecto deste estudo.

2.1 Deficiência – Definição e tipos

2.1.1 Conceito

Segundo Piccolo (2022), procurar uma definição universal sobre a deficiência constitui tarefa complexa e, praticamente, fadada ao fracasso, pois não existe uma definição universal sobre este fenómeno.

A concepção de deficiência como uma variação do normal da espécie humana foi uma criação discursiva do século XVIII, e desde então ser uma pessoa com deficiência é experimentar um corpo fora da norma. O corpo com deficiência somente se delinea quando contrastado com uma representação do corpo sem deficiência. Ao contrário do que se imagina, não há como descrever um corpo com deficiência como anormal. A anormalidade constitui um julgamento estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida. Há quem considere que um corpo cego, por exemplo, é algo trágico, mas há também quem considere que essa é uma entre várias possibilidades para a existência humana (DINIZ, 2007).

A incapacidade é um termo abrangente para deficiências, limitações para realizar, e restrições para participar de certas actividades, que engloba os aspectos negativos da interação entre um indivíduo (com um problema de saúde) e os factores contextuais daquele indivíduo (factores ambientais e pessoais) (OMS, 2011).

A deficiência é geralmente associada à incapacidade (OMS, 2011). No entanto, ao contrário do que muitos pensam, deficiência não é sinónimo de incapacidade.

AMIRALIAN *et al* (2000) definem a deficiência como a perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais.

Enquanto a incapacidade é vista como a restrição, resultante de uma deficiência, da habilidade considerada normal para o ser humano. Surge como consequência directa ou é resposta do indivíduo a uma deficiência psicológica, física, sensorial ou outra. Representa a objectivação da deficiência e reflecte os distúrbios da própria pessoa nas actividades e comportamentos essenciais à vida diária (*ibidem*).

Exemplos: A deficiência da linguagem reflecte-se na incapacidade de falar; a deficiência da audição (sensorial) reflecte-se na incapacidade de ouvir; da visão diz respeito à incapacidade de ver; a deficiência intelectual (mental) ou psicológica pode-se reflectir em diferentes incapacidades como: de aprender, de perceber (aptidões particulares), de memorizar, de relacionar-se (comportamento) bem como de ter consciência (*ibidem*).

2.1.2 Tipos de deficiência segundo França & Martins (2019)

Deficiência física: compreende uma alteração no corpo que provoca dificuldades na movimentação das pessoas e as impede de participarem da vida de forma independente, ou até mesmo como uma desvantagem, resultante de um comprometimento ou de uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho motor do indivíduo.

Deficiência mental: corresponde a expressões como insuficiência, falta, falha, carência, imperfeição associadas ao significado de deficiência (do latim *deficientia*) aplicadas ao conceito de mente ou intelecto, porém o termo deficiência mental por si só não define nem caracteriza o conjunto de problemas que ocorre no cérebro humano, e leva as pessoas que a possuem a um baixo rendimento cognitivo, muitas vezes sem afectar outras regiões ou funções cerebrais.

Uma das principais características da deficiência mental é a redução da capacidade intelectual (QI), situada abaixo dos padrões considerados normais para idade, se criança, ou inferiores à

média da população, quando adultas, as pessoas com deficiência na maioria das vezes apresentam dificuldades ou nítido atraso em seu desenvolvimento neuropsicomotor, aquisição da fala e outras habilidades, um *deficit* no comportamento adaptativo, seja na comunicação (linguagem), socialização ou aquisições práticas da vida quotidiana como higiene e uso de roupas.

Deficiência intelectual: caracteriza-se por limitações nas habilidades mentais em geral e essas habilidades estão ligadas à inteligência, actividades que envolvem raciocínio, resolução de problemas e planeamento. Os indivíduos com deficiência intelectual apresentam funcionamento intelectual significativamente inferior à média.

A pessoa com deficiência intelectual tem dificuldade para aprender, entender e realizar actividades comuns para as outras pessoas, muitas vezes, se comportando como se tivesse menos idade do que realmente tem, porém esta não é uma doença mas sim uma limitação, e essa pessoa deve receber acompanhamento médico e estímulos, através de trabalhos terapêuticos com psicólogos e terapeutas ocupacionais, para que essas limitações possam ser superadas por meio da estimulação sistemática do desenvolvimento e instituições.

Deficiência sensorial: caracteriza-se pelo não-funcionamento (total ou parcial) de algum dos cinco sentidos, incapacidade de utilizar em plenitude os sentidos de que se dispõe, independentemente de quantos sejam. Concentra dois subtipos a saber: deficiência auditiva e deficiência visual.

Deficiência auditiva

Silva (2009), citado por Alves (2012) define a deficiência auditiva como o *deficit* de audição que impede o indivíduo (surdo) de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade maioritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem.

O que caracteriza a surdez é a deficiência de funcionamento do sentido da audição, o que pode provocar alterações na recepção e interpretação de mensagens comunicativas, pelo que a pessoa surda fica impossibilitada de comunicar-se utilizando a fala. Trata-se da perda total ou parcial da capacidade de ouvir (FRANÇA & MARTINS, 2019).

Deficiência visual

Diz respeito à perda total quanto parcial da visão, em tal grau que torna relativamente impossível à pessoa usar a vista como principal meio de aprendizado, assim sendo necessário a utilização de métodos Braille como meio de leitura e escrita ou de outros métodos e recursos para auxiliá-los. Esta também engloba a baixa visão que requer disposições educacionais especiais, mas ao contrário da deficiência auditiva, permite à pessoa usar a vista como meio de aprendizado, permitindo assim a leitura de textos impressos à tinta, desde que se empreguem recursos didáticos e equipamentos especiais para sua educação (FRANÇA & MARTINS, 2019).

Segundo a OMS (2019), 2,2 bilhões de pessoas foram clinicamente diagnosticadas com deficiência visual em todo o mundo, representando cerca de 28% da população mundial. Desse percentual, também constam indivíduos com baixa visão, cegueira unilateral, entre outras doenças associadas a essa deficiência.

2.2 Prevalência da Deficiência no país e no mundo

Medir a prevalência da deficiência envolve a inclusão de perguntas em pesquisas representativas da população em geral. Pessoas com deficiência representam uma minoria na sociedade por ocuparem espaços desiguais no exercício de direitos e oportunidades devido à invisibilidade no meio social (JULIOTTI, 2022).

Mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo convivem com alguma forma de deficiência. Uma em cada sete pessoas no mundo possui alguma deficiência (Relatório Mundial das pessoas com Deficiência, 2011).

Nos próximos anos, a deficiência será uma preocupação ainda maior porque sua incidência tem aumentado. Isto se deve ao envelhecimento das populações e ao risco maior de deficiência na população de mais idade, bem como ao aumento global de doenças crônicas tais como diabetes, doenças cardiovasculares, câncer e distúrbios mentais (*ibidem*).

Esse relatório também refere que em todo o mundo, as pessoas com deficiência apresentam piores perspectivas de saúde, níveis mais baixos de escolaridade, participação econômica menor e taxas de pobreza mais elevadas em comparação às pessoas sem deficiência. Em parte, isto se deve ao facto das pessoas com deficiência enfrentarem barreiras no acesso a serviços que muitas

peças consideradas garantidas como saúde, educação, emprego, transporte e informação (*ibidem*).

A deficiência faz parte da condição humana. Quase todas as pessoas terão uma deficiência temporária ou permanente em algum momento de suas vidas e aquelas que sobreviverem ao envelhecimento enfrentarão dificuldades cada vez maiores com a funcionalidade dos seus corpos (*ibidem*).

A deficiência é uma questão de desenvolvimento devido à sua relação bidirecional com a pobreza: a deficiência pode aumentar o risco de pobreza, e a pobreza pode aumentar o risco de deficiência (*ibidem*).

Em Moçambique existiam cerca de 475.011 pessoas com deficiência, o que equivale a 2% do total da população moçambicana estimada em 23.700.715 habitantes em 2012. 12.7% desse número corresponde à surdez e 9.4% corresponde a cegueira (Plano Nacional da Área da Deficiência, 2012).

A maioria das pessoas com deficiência vive nas zonas rurais onde os níveis de pobreza são mais elevados, os serviços de saúde, educação e outros a eles relacionados são bastante escassos ou mesmo ausentes, o que faz com que elas se encontrem no grupo dos mais pobres e vulneráveis (*ibidem*).

Até 2017, em Moçambique existiam cerca de 727.620 pessoas com deficiência, das quais 58.021 com deficiência visual, o que revela um significativo aumento entre 2012 e 2017. Destas, 217.717 pessoas com deficiência estavam na zona urbana, sendo que 15.082 eram cegas. Em relação às zonas rurais, temos 509.903 pessoas com deficiência, sendo 42.939, o que vem reforçar que a maioria das pessoas com deficiência se encontra nas zonas rurais (INE, 2017).

2.3 Conceito de informação segundo Sousa (2006)

Nem toda a comunicação, entendida como troca de mensagens, concentra em si a informação. Um poema, uma música, uma canção podem comunicar e exaltar sensações, estados de alma, emoções, mas, geralmente, não informam, a menos que sejam emitidas com um propósito informativo, diferente do seu propósito original.

A informação depende da comunicação. Não há informação sem comunicação. Mas, num sentido lato pode existir comunicação sem haver troca de informação (por exemplo, quando várias pessoas partilham experiências).

A informação pode ser redundante, embora, em certos casos, a redundância possa ser útil para a melhor apreensão e compreensão da mensagem.

A informação é sempre codificada. O código precisa de ser conhecido e compreendido pelo receptor para que possa ser usado por um emissor com propósitos comunicacionais. A utilização de um código requer, assim, acordo prévio entre emissor e receptor.

2.4 Legislação sobre o Direito à informação

A informação é acima de tudo um direito salvaguardado por diversos dispositivos nacionais e internacionais. Ora vejamos alguns dos mais relevantes:

A Constituição da República de Moçambique (CRM) reza no seu Artigo 48 N° 1 (Capítulo II: Direitos, Deveres e Liberdades) que todos têm o direito à liberdade de expressão, à liberdade de imprensa, bem como o direito à informação.

Inspirada na CRM, a lei de Imprensa Moçambicana 18/91 de 10 de Agosto dita no seu Artigo 3 (Direito à informação) no N° 1, que no âmbito da imprensa, o direito à informação significa a faculdade de cada cidadão se informar e ser informado de factos e opiniões relevantes a nível nacional e internacional bem como o direito de cada cidadão divulgar informação, opiniões e ideias através da imprensa.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece no seu Artigo 19 que todo o ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Toda a pessoa com deficiência tem o direito à liberdade de expressão e opinião, incluindo a liberdade de procurar, receber e transmitir informações e ideias através de todas as formas de comunicação a sua escolha. (Artigo 23, N°1: Direito à Liberdade de Expressão e de Opinião - Protocolo à Carta Africana dos Direitos Humanos e dos povos relativo aos Direitos das Pessoas

com Deficiência em África, 2018, cuja ratificação em Moçambique foi aprovada pelo parlamento em 2021).

Sobre o Acesso à Informação, consta do Artigo 24, N°1, do mesmo dispositivo que Toda a pessoa com deficiência tem o direito de acesso à informação.

O N° 2 vai mais longe ao estabelecer que Os Estados parte devem tomar todas as medidas políticas, legislativas, administrativas e outras medidas apropriadas para garantir que as pessoas com deficiência possam exercer estes direitos com base na igualdade, nomeadamente:

- a) A prestação de informações destinadas ao público em geral, bem como a informações necessárias para as interações oficiais com as pessoas com deficiência em formatos acessíveis e tecnologias apropriadas para os diferentes tipos de deficiência de maneira atempada e sem custos adicionais para as pessoas com deficiência;
- b) A exigência às entidades privadas para que prestam serviços ao público em geral incluindo através da comunicação social imprensa e electrónica, providenciem informações e serviços através de formatos acessíveis e utilizáveis para as pessoas com deficiência.

2.5 Media

A palavra *media* tem várias acepções, sendo que o seu uso varia consoante o contexto. No entanto, todos os contextos, no âmbito da aplicação desta palavra têm em comum o facto de ela estar relacionada à manipulação da informação. Por exemplo, *mass media* é um conceito que surgiu em 1923 nos Estados Unidos da América para designar os vários intermediários entre os produtores de informação e os seus consumidores, incluindo os meios de comunicação social (jornal impresso, rádio, televisão e internet) (RIBEIRO, 2009).

2.6 Acessibilidade da informação para pessoas com deficiência visual

A luta pelo direito de acesso à informação e à comunicação ganhou maior impulso no século XX, devido à disseminação do uso das tecnologias associadas a sistemas de computação digital (TORRES, MAZZONI & MELLO, 2007).

As diferenças entre os seres humanos, quanto à forma que necessitam ou que preferem que a informação lhes seja transmitida, ocorrem em distintos contextos. Os meios de comunicação e os

ambientes educacionais ilustram bem a necessidade de que haja acessibilidade no processo de comunicação, objectivo esse que só é alcançado quando se conhece e se aplica o princípio da redundância na transmissão da informação que estabelece que a informação acessível é aquela que pode ser captada de forma multissensorial (*ibidem*).

Entre as técnicas mais usadas para a transformação da informação, podem ser citadas: a transcrição electrónica das falas em texto em tempo real (gera-se um texto à medida que as pessoas vão falando e o texto resultante poderá ser lido através da tela de um computador ou através de uma linha Braille), a áudio-descrição (consiste em narrar, de uma forma descritiva, os elementos significativos das cenas, das imagens e dos efeitos visuais que se encontram presentes em um determinado ambiente) e a transcrição gestual em língua de sinais (o conteúdo das falas e dos efeitos sonoros é interpretado e transmitido por meio de uma língua de sinais) (*ibidem*).

O grupo das pessoas que possui deficiência visual é heterogéneo no que toca as suas necessidades específicas quanto ao acesso à informação e à comunicação. A inobservância das diferenças entre pessoas com um mesmo tipo de deficiência frequentemente conduz a equívocos, alguns deles reflectidos inclusive em documentos legais, bem como a uma inadequada utilização de recursos humanos, financeiros e tecnológicos (TORRES, MAZZONI & MELLO, 2007).

Quanto melhor for a acessibilidade existente, em um determinado ambiente, menores serão as dificuldades sentidas pelas pessoas com deficiência para actuarem nesse ambiente (*ibidem*).

Essas diferenças, que em parte são devidas à natureza e grau da deficiência, dependem também do nível de escolaridade e da formação adquirida pela pessoa, da fase da vida em que a deficiência se manifestou e dos recursos (ajudas técnicas e pessoal de apoio) que estão disponíveis para essa pessoa (TORRES, MAZZONI & MELLO, 2007).

Algumas pessoas com deficiência visual sentem dificuldades relevantes nas áreas de aprendizagem e aplicação do conhecimento, mobilidade e comunicação (*ibidem*).

Superadas as dificuldades referentes à aprendizagem básica (que podem incluir as actividades de aprender a ler, a escrever, a calcular, a orientar-se espacialmente e a deslocar-se com autonomia), constata-se a existência de uma grande dificuldade: a referente ao acesso à informação e à comunicação. Pode considerar-se inclusive, que a dificuldade de mobilidade, com autonomia,

manifestada por essas pessoas, é uma resultante da falta de informações a qual é compreendida, nesse caso, como sendo a ausência ou a fragilidade dos referenciais espaciais (*ibidem*).

O Braille não é usado por todas as pessoas com deficiência visual. A aplicação desse código carece de uma alfabetização. Há algumas pessoas que conhecem o código, porém não o utilizam, por uma questão de impossibilidade, seja porque não conseguiram desenvolver a habilidade tátil que é necessária para essa forma de leitura ou porque perderam parte dessa habilidade (situação que ocorre, por exemplo, quando a irrigação sanguínea nas extremidades dos dedos é inadequada) (*ibidem*).

2.7 Papel do Jornalismo na sociedade

Sobre o jornalismo, Traquina (2005) convida o leitor a observar uma definição que ele denomina de poética. Nesse sentido, o jornalismo é definido como a vida, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia.

Para os jornalistas o jornalismo é a realidade. Trata-se de uma realidade bastante selectiva, construída através de inúmeros processos de interação social entre os profissionais do campo jornalístico (*ibidem*).

A pergunta “O que é jornalismo?” devia ser relacionada com outra, “O que é jornalismo numa democracia?”. A democracia não pode ser imaginada como sendo um sistema de governo sem liberdade e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura. Os pais fundadores da teoria democrática têm insistido na liberdade como sendo essencial para a troca de ideias e opiniões, e reservaram ao jornalismo não apenas o papel de informar os cidadãos, mas também a responsabilidade de ser o guardião do governo. Tal como a democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo sem liberdade ou é farsa ou é tragédia. O que é o jornalismo num sistema totalitário, seja nas suas formas seculares, como, por exemplo, o fascismo, seja numa forma religiosa, como, por exemplo, o ex-regime dos Taleban no Afeganistão, é fácil de definir: o jornalismo seria propaganda a serviço do poder instalado (TRAQUINA, 2005).

Jorge Pedro Sousa em *Elementos do Jornalismo Impresso* (2001) comunga da opinião acima destacada enfatizando que nos estados democráticos de direito, o jornalismo tem a função de

manter um sistema de vigilância e de controlo dos poderes. Essa vigilância manifesta-se pela difusão pública de informação. Neste sentido, o autor concebe informar como a publicação de actos dos agentes de poder (Governo, Parlamento, partidos políticos, agentes económicos). Informar também abrange a análise desses actos, a exposição do contexto em que se praticam, trazer à tona a explicação das possíveis consequências, revelar as suas condicionantes. Significa, igualmente, trazer para o espaço público os assuntos socialmente relevantes que poderiam passar despercebidos, os assuntos que são escondidos, os que estão submersos, os que são obscuros.

Para além da vigilância dos agentes de poder, o jornalismo também se dedica a informar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, como é o caso dos acidentes, casos de polícia, desporto, moda, património natural e histórico, notícias do estrangeiro, comportamento da bolsa, a informação de serviços, os testes comparativos para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas (SOUSA, 2001).

Informar, com intenção de verdade, é a finalidade do jornalismo numa sociedade democrática. Para além de informar, o jornalismo também pode contribuir para a formação do público, exercendo portanto uma função de pedagogia social, informando sobre como contribuir com pequenos gestos para a reciclagem do lixo ou para a salvaguarda do ambiente, por exemplo. E pode também exercer uma função de prazer, distração e entretenimento (*ibidem*). Isso leva o autor a concluir que o jornalismo é uma modalidade de comunicação social rica e diversificada.

2.8 Audiência

O termo audiência vem do latim *audientiam* e tem suas raízes no mundo das arenas ou dos teatros das cidades gregas e romanas, onde acontecimentos de índole religiosa ou estatal juntavam cidadãos que assistiam aos eventos, em espaço público (OLIVEIRA, 2015).

Qualquer pessoa que navega na internet ou nas redes sociais, vê televisão ou vídeos no YouTube, ouve rádio ou podcasts, vai ao cinema, ao teatro ou a um concerto, lê um jornal, uma revista ou um livro, faz parte de uma audiência. Os *media* não existem nem sobrevivem se não tiverem audiências, podendo a visão sobre as mesmas orientar-se por interesses de mercado ou por propósitos de cidadania e de participação (PORTELA, 2019).

Portanto, audiência é o termo usado para descrever todas as pessoas que consomem conteúdo, seja no jornal, rádio, televisão ou internet.

2.9 Teoria dos usos e gratificações

A teoria dos usos e gratificações marca um salto nos estudos da comunicação passando da pergunta “*o que os meios de comunicação fazem às pessoas?*” para a pergunta “*o que as pessoas fazem aos meios de comunicação?*” (WOLF, 1999).

A questão central desta teoria é: “*por que é que as pessoas usam os media e para que é que os usam?*” (MCQUAIL, 2003).

A mudança da perspectiva baseia-se no pressuposto de que, normalmente, mesmo a mensagem do mais potente dos meios de comunicação de massas não pode influenciar o indivíduo que não faça uso dela no contexto sociopsicológico em que vive (KATZ, 1959 citado por WOLF, 1999).

O efeito da comunicação de massa resulta das satisfações às necessidades experimentadas pelo receptor sendo a *media* eficaz na medida em que o receptor lhe atribui tal eficácia, baseando-se exactamente na satisfação das necessidades. Ou por outra, a influência das comunicações de massa permanecerá incompreensível se não se considerar a sua importância relativamente aos critérios de experiência e aos contextos situacionais do público: as mensagens são captadas, interpretadas e adaptadas ao contexto subjectivo das experiências, conhecimentos e motivações (MERTON, 1982 citado por WOLF, 1999).

O receptor é também um iniciador, quer no sentido de originar mensagens de retorno, quer no sentido de pôr em prática processos de interpretação com um certo grau de autonomia. O receptor age sobre a informação que está à sua disposição e utiliza-a (MCQUAIL, 1975 citado por WOLF, 1999).

Com base neste ponto de vista, o destinatário – continuando embora a ser desprovido de um papel autónomo e simétrico ao do destinador, no processo de transmissão das mensagens – transforma-se, porém, em sujeito comunicativo a título inteiro. No processo da comunicação, tanto o emissor como o receptor são parceiros activos (WOLF, 1999).

Segundo Wolf (1999), há cinco classes de necessidades que os meios de comunicação de massas satisfazem:

- Necessidades cognitivas (aquisição e reforço de conhecimentos e de compreensão);
- Necessidades afectivas e estéticas (reforço da experiência estética, emotiva);

- Necessidades de integração a nível da personalidade (segurança, estabilidade emotiva, incremento da credibilidade e da posição social);
- Necessidades de integração a nível social (reforço dos contactos interpessoais, com a família, os amigos);
- Necessidades de evasão (abrandamento das tensões e dos conflitos).

Segundo Denis McQuail (2003), boa parte das vezes, as audiências formam-se com base na semelhança das necessidades, interesses e gostos individuais. Grande parte parece ter uma origem social ou psicológica. Geralmente, as necessidades incluem as de informação, lazer, companhia, diversão e escape. As audiências para certos *media* e os tipos de conteúdo mediático podem muitas vezes ser tipificados de acordo com esses tipos gerais de motivação. A afinidade relativa com diferentes *media* associa-se às diferenças de expectativas e gratificações pretendidas.

A sociologia funcionalista via os *media* a servirem várias necessidades da sociedade como: coesão, continuidade cultural, controlo social e maior circulação de informação pública de todos os tipos, o que por seu turno, pressupõe que os indivíduos também usam os *media* para finalidades relacionadas, como orientação pessoal, lazer, adaptação, informação e formação da identidade (*ibidem*).

2.9.1 Tipologia da interação entre os *media* e as pessoas segundo McQuail, *et al.*, 1972 citados por McQuail, 2003

- Diversão: escape da rotina e dos problemas, libertação das emoções;
- Relações Pessoais: companheirismo, utilidade social;
- Identidade Pessoal: referência própria; exploração da realidade; reforço dos valores;
- Vigilância (formas de procura de informação).

As pessoas geralmente fogem dos constrangimentos da rotina, das actividades com que não se identificam, fogem do que lhes traz à memória rotinas, obrigações, problemas que querem esquecer (OLIVEIRA, 2015).

O companheirismo implica que os membros da audiência acabam por estabelecer uma relação com os apresentadores dos programas a que assistem, como se estes deixassem de ser cidadãos anónimos, externos aos circuitos de amigos e família, e passassem a pertencer ao grupo com o

qual estabelecem contacto. O apresentador não é mais um desconhecido; é, agora, alguém com quem se pode estabelecer uma ligação. As pessoas parecem, deste modo, procurar nos *media* o que não encontram na vida real, transformando o virtual em real. A audiência acaba por tratar os apresentadores como se fossem seus amigos, como se substituíssem as pessoas reais. Preenchem o sentir do vazio, da ausência, preenchem a gratificação companheirismo (OLIVEIRA, 2015).

A gratificação “utilidade social” coloca os *media* no patamar de conversação com os membros da audiência (o próprio sujeito, família ou grupo). A *media* configura-se como via capaz de proporcionar, de uma forma mais fácil, a partilha de informação, da interação social. O conteúdo não é uma variável suficiente para tirar conclusões sobre a audiência. O ambiente social e cultural em que a audiência está inserida pode ajudar na seleção que se faz dos conteúdos (*ibidem*).

A referência pessoal está relacionada com o facto de as pessoas, no seu dia-a-dia, sentirem um conjunto de diferentes necessidades ou carências que, no entender delas, podem ser gratificadas com a exposição aos dispositivos *media* (*ibidem*).

A pertinência de que os programas podem ser amparo directo na vida da audiência verifica-se na categoria exploração da realidade, que pressupõe que a audiência cria laços de proximidade e de identificação com conteúdos mediáticos. Os assuntos procurados não são alheios a uma audiência que utiliza os programas para fomentar reflexões sobre problemas com os quais tem experiência ou familiaridade (*ibidem*).

A categoria reforço de valores pressupõe que a audiência visualiza conteúdos que evidenciam os valores em que acredita, como por exemplo, a visualização de programas que ilustram a pertinência da família (*ibidem*).

A audiência busca informação e opiniões sobre assuntos públicos e acontecimentos do mundo global. A audiência sente, portanto, necessidade de se informar e de estar informada e quando isso acontece sente-se gratificada. Essa gratificação ocorre quando visualiza tópicos noticiosos quer individualmente quer na companhia de outros (*ibidem*).

A motivação cognitiva diz respeito à orientação pela qual o membro da audiência procura informações sobre algum aspecto da sociedade ou do mundo em sua volta como forma de “vigilância”. A vigilância é assumida como a possibilidade de estar atento a qualquer coisa que pode de forma bastante diversificada, atingir a realidade do receptor (FERREIRA, s. d.).

A motivação cognitiva facilita o ganho pela informação. Essa hipótese não é tão óbvia como sua formulação sugere, considerando-se fundamentalmente, o princípio de que para cada conteúdo da *media*, há possibilidades multifuncionais gratificadas. Pode-se tomar como exemplo os noticiários da televisão que não são projectados com vista a proporcionar somente orientações cognitivas, pelo que há outras variáveis em jogo como: personalidade dos apresentadores, pequenas quantias de humor e dos comentários e destaque do conflito e do drama em muitas áreas da notícia. Assim, tendo-se em mente o complexo multifuncional de possibilidades de gratificações em materiais como os noticiários, uma pessoa que é mais fortemente e mais exclusivamente movido para consumir materiais informativos, está mais sujeito a adquirir conhecimento neles (*ibidem*).

A variável de entretenimento consiste na busca da diversão ou relaxamento procurando proporcionar alívio aos aborrecimentos e problemas vividos na rotina diária (*ibidem*).

Segundo Wolf (1999), o contexto social em que o destinatário vive pode, nomeadamente, relacionar-se com o tipo de necessidades que favorecem o consumo das comunicações de massa, segundo cinco modalidades:

- A situação social provoca tensões e conflitos, levando à atenuação através do consumo da *media*;
- A situação social gera o conhecimento de determinados problemas que requerem atenção e a informação acerca desses problemas pode ser procurada na *media*;
- A situação social oferece escassas oportunidades reais para a satisfação de certas necessidades, que se procura satisfazer, utilizando a *media* como substituto;
- A situação social faz emergir determinados valores cuja confirmação e cujo reforço são facilitados pelo consumo de comunicações de massa;
- A situação social fornece e provoca expectativas de familiaridade com determinadas mensagens que devem, por conseguinte ser consumidas para se continuar a pertencer a grupos sociais de referência.

A teoria dos usos e gratificações articula-se em cinco pontos fundamentais:

- A audiência é activa, ou seja, uma parte importante da utilização da *media* tem um objectivo.

- No processo de comunicação de massa, grande parte da iniciativa de relacionar a satisfação das necessidades com a escolha dos meios de comunicação, depende do destinatário;
- Os meios de comunicação competem com outras fontes de satisfação de necessidades. Destas, as que são satisfeitas pela *media* representam apenas um segmento do amplo espectro de necessidades humanas e o grau em que podem ser convenientemente satisfeitas pelo consumo dos meios de comunicação é variável, pelo que se faz necessário considerar as outras alternativas funcionais;
- Do ponto de vista metodológico, muitos dos objectivos da utilização da *media* podem conhecer-se através de dados fornecidos pelos destinatários; ou seja, os destinatários sabem o suficiente para, em casos específicos, poderem expor os seus próprios interesses emotivos ou, pelo menos, para poderem reconhecê-los, se esses interesses lhes forem expostos verbalmente e de uma forma que lhes seja familiar e compreensível.

A fonte das satisfações que o destinatário, eventualmente, extrai da *media*, pode ser o conteúdo específico da mensagem, a exposição ao meio de comunicação em si mesma ou a situação comunicativa particular ligada a um determinado meio (WOLF, 1999).

A actividade selectiva e interpretativa do destinatário, baseada sociologicamente na estrutura das necessidades do indivíduo, passa a constituir parte estável do processo comunicativo, formando uma das suas componentes não elimináveis. Esse aspecto, porém, representa uma dificuldade que a hipótese dos usos e gratificações tem ainda de superar: a sua proposta de considerar a audiência como parceiro activo do processo de comunicação, subentende que a utilização dos *mass media* está orientada para um fim, é uma actividade racional de perseguição de um objectivo que é a escolha do melhor meio para a satisfação de uma necessidade (*ibidem*).

Wolf (1999) acrescenta que a associação entre satisfação da necessidade e escolha do meio de comunicação é representada como uma opção do destinatário num processo racional de adequação dos meios disponíveis aos fins que pretende atingir. É neste quadro que toda a hipótese do efeito linear do conteúdo dos *mass media* sobre as atitudes, valores ou comportamentos do público, é invertida, na medida em que é o receptor que estabelece se existirá, pelo menos um processo comunicativo real. Os sistemas de expectativas do destinatário não só intervêm nos efeitos provocados pelos *mass media* como também regulam as próprias modalidades de exposição.

A disponibilidade para o consumo não se cinge a tudo o que é proposto pelos meios de comunicação; está limitada pela capacidade e pela possibilidade efectivas de a eles ter acesso. Por outro lado, essa capacidade e essa possibilidade estão ligadas às características pessoais e sociais do destinatário, à sua habituação e familiaridade com um determinado meio, à competência comunicativa deste (*ibidem*).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa exploratória quanto aos objectivos, que se caracteriza como mista (qualitativa e quantitativa) quanto ao tipo de abordagem.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc, portanto, não constitui interesse desta abordagem a representatividade numérica (GERHRDT & SILVEIRA, 2009).

Os pesquisadores que aplicam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de factos (*ibidem*).

Em uma pesquisa qualitativa, o ambiente é uma forma directa de geração de dados, pois lida-se directamente com os sujeitos que tiveram experiência com o problema pesquisado (FRANCO & DANTAS, 2017).

O âmbito qualitativo da presente pesquisa abrange a análise do nível de acesso à informação jornalística por parte dos participantes do presente estudo, a descrição das suas preferências quanto aos canais de recepção de informação seguidas das razões, a avaliação do nível de interesse que manifestam pela informação jornalística e a identificação das gratificações obtidas da informação jornalística veiculada na *media* moçambicana.

A pesquisa quantitativa centra-se na objectividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. Esta pesquisa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenómeno, as relações entre variáveis, etc (FONSECA, 2002 citado por GERHRDT & SILVEIRA, 2009).

Com foco no objecto, no âmbito quantitativo, a presente pesquisa valeu-se de ferramentas estatísticas com destaque para as medidas de tendência central (média, moda e mediana), tabelas e gráficos para: verificar o número de pessoas com acesso à informação jornalística, determinar os canais de recepção de informação e a preferência predominante, determinar o número de participantes com interesse na informação jornalística, verificar o comportamento das

gratificações de acordo com cada participante. Com as ferramentas mencionadas a pesquisa incluiu a frequência de acesso à informação jornalística pelos participantes do presente estudo.

Em suma, optou-se pela abordagem mista para responder aos objectivos previamente traçados para a presente pesquisa, trazendo o maior número possível de dados que permitiram ao investigador compreender da melhor forma possível o fenómeno que constitui objecto de análise. É de salientar que essa pretensão se fundamentou na visão de Fonseca (2002) citado por Gerhrdt & Silveira (2009), segundo a qual, a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Quanto aos objectivos temos a pesquisa exploratória, descritiva e pesquisa explicativa.

A pesquisa exploratória tende a proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2008).

O sentido exploratório da presente pesquisa enquadra-se no objectivo central da mesma que consiste na análise das preferências e gratificações que as pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo obtêm da informação jornalística veiculada na *media* moçambicana. Neste sentido, o estudo ateu-se às pessoas com deficiência visual procurando explorar a relação deste grupo social com a *media*.

3.2 População do estudo

Segundo Fernandes (1999), população é o grupo inteiro de objectos (unidades) dos quais se pretende obter informações, ou seja, conjunto de elementos portadores de pelo menos uma característica em comum.

Para o presente estudo, a população foi constituída pelas pessoas com deficiência visual que se encontram na Cidade de Maputo.

Determinar o número exacto de pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo é um desafio devido à escassez de dados actualizados e específicos. O último censo populacional de Moçambique, realizado em 2017, indicou que havia 58.021 pessoas com deficiência visual no país, sem detalhar a distribuição por cidades.

Embora não hajam dados específicos a respeito deste grupo social na capital do país, é possível estimar o número das pessoas com deficiência visual com base na população total e na prevalência nacional.

Em 2017, a população moçambicana era de aproximadamente 28 milhões de habitantes, e a Cidade de Maputo tinha cerca de 1.101.170 habitantes, representando aproximadamente 3.93% da população total. Aplicando essa proporção ao número total de pessoas com deficiência visual, podemos estimar que cerca de 2.280 indivíduos na Cidade de Maputo poderiam ter deficiência visual.

3.3 Amostragem e tamanho da amostra

Geralmente, as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão, nas pesquisas sociais é muito frequente trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo (GIL, 2008).

A amostragem é o meio pelo qual se extraem amostras permitindo a obtenção de informação sobre o todo, examinando apenas uma parte (FERNANDES, 1999).

Segundo Santos (2010) há dois métodos de amostragem que são: não probabilísticos (empíricos) e probabilísticos (aleatórios). Os métodos probabilísticos englobam a amostragem aleatória simples, amostragem sistemática, amostragem estratificada e amostragem por conglomerados, e os métodos não probabilísticos incluem a amostragem por conveniência, amostragem por julgamento e amostragem por quotas.

A amostragem por acessibilidade ou conveniência afirma-se como o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão (GIL, 2008).

Para o presente estudo foi aplicada a amostragem por conveniência e a amostra foi constituída por trinta (30) participantes.

A escolha desta amostragem não foi ditada simplesmente pelas razões referidas por Gil (2008), mas também por se tratar de um grupo com uma característica específica que é a deficiência visual e, assim sendo, não muito fácil de localizar, por também se tratar de um grupo minoritário.

3.4 Técnica e instrumento de recolha de dados

Segundo Lakatos & Marconi (2003) há vários procedimentos para a realização da colecta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação. Em linhas gerais, as técnicas de pesquisa são: colecta documental, observação, entrevistas, questionário, formulário, medidas de opiniões e de atitudes, técnicas mercadológicas, testes, sociometria, análise de conteúdo, história de vida.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas ou mais pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional (LAKATOS & MARCONI, 2003).

Gil (2008) define a entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objectivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca colectar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

A entrevista é uma das técnicas de colecta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Eis que praticamente todos os profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para colecta de dados, mas também com objectivos voltados para diagnóstico e orientação (*ibidem*).

Pelas razões acima descritas e para obter o maior número de respostas possível, para a presente pesquisa a entrevista foi a técnica de recolha de dados aplicada e o guião de entrevista foi o instrumento para a recolha de dados. As questões foram maioritariamente abertas.

3.5 Categorias de análise

Para a presente pesquisa, os pressupostos-base para a criação do quadro de categorias assentam na teoria dos usos e gratificações discutida especialmente por Wolf (1999) e outros autores como McQuail (2003).

Quadro de Categorias para colecta, tratamento, análise e interpretação de dados	
Gratificação	Descrição
Informação	Conjunto de dados sobre um determinado fenómeno seja em forma de opiniões sobre assuntos públicos e acontecimentos do mundo global.
Conhecimento	Uso da <i>media</i> para aprender novas habilidades, aprofundar áreas de interesse, actualização em campos profissionais, ampliar a consciência sobre questões importantes e ampliar a participação na sociedade.
Companheirismo	Preenchimento do sentimento de vazio, da ausência e/ou falta de companhia.
Utilidade social	A <i>media</i> serve de veículo de partilha de informação e interação social entre os membros da audiência
Diversão/entretenimento	Escape da rotina e dos problemas, libertação das emoções ou busca da diversão, entretenimento ou relaxamento procurando proporcionar alívio aos aborrecimentos e problemas vividos na rotina diária.
Referência pessoal	Satisfação de necessidades ou carências através da exposição aos dispositivos <i>media</i>
Exploração da realidade	Os programas configuram-se em amparo directo na vida da audiência, assim esta cria laços de proximidade e de identificação com os conteúdos mediáticos
Reforço de valores	Preferência por conteúdos que evidenciam os valores em que se acredita

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Tabela 1: Características sociodemográficas dos participantes do estudo

Variável	Número	Percentagem (%)
Idade	Média: 38	
	Moda: 24 e 43 (3)	
	Mediana: 35	
	Mínima: 19	
	Máxima: 73	
Género	Masculino: 20	67
	Feminino: 10	33
Estado Civil	Solteiro: 26	87
	Casado: 1	3
	Viúvo: 2	7
	Divorciado: 1	3
Ocupação	Doméstico: 5	17
	Estudante: 13	43
	Docente: 7	23
	Jornalista: 1	3
	Tesoureiro: 1	3
	Aposentado: 2	7
	Técnico Administrativo: 1	3
Nível de escolaridade	Primário (1 ^a -6 ^a): 2	7
	Secundário (7 ^a -12 ^a): 4	13
	Técnico Profissional: 3	10
	Superior: 21	70
Nível Académico	Primário: 2	7
	Básico: 4	13
	Médio: 13	43
	Licenciatura: 9	30
	Mestrado: 2	7
Grau da deficiência	Total: 25	83

	Parcial: 5	17
Período da deficiência	Adquirida: 26	87
	Congênita: 4	13
Total de participantes:	30	100

Fonte: Elaboração Própria

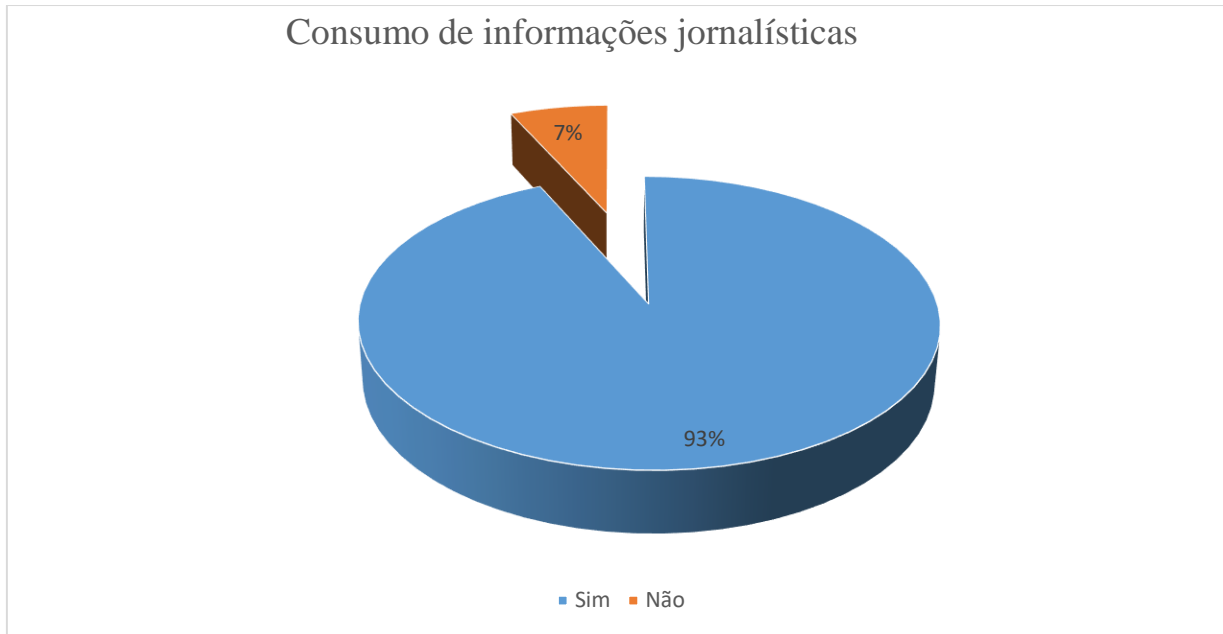
A tabela acima ilustra o perfil dos participantes do presente estudo, o que nos permite verificar com que tipo de pessoas o estudo lidou. À primeira vista é possível verificar a variabilidade dos dados considerando as diferentes variáveis apresentadas na tabela e a idade dos participantes é um bom exemplo disso pois a amplitude é de 54 e em estatística quanto maior a amplitude maior é a dispersão ou variabilidade dos dados da variável.

A amostra ficou constituída por 30 pessoas com idades que variam entre 19 e 73 anos, ou seja, o participante mais novo tem 19 anos e o mais velho 73 anos. Os participantes apresentam uma idade média de 38 anos; a moda das idades é 24 e 43. O estudo contou com a participação de 20 homens que representam 73% da amostra e 10 mulheres que representam 33% da mesma. Quanto ao estado civil, 87% (26) dos participantes são solteiros, 3% (1), casado, 7% (2) divorciados e 3% (1) viúvo. O estudo foi majoritariamente constituído por estudantes, que representam 43% da amostra cujo valor real é 13. Nesta ordem de ideia, o estudo também contou com a participação de 7 docentes, 1 jornalista, 1 técnico administrativo, 1 tesoureiro, 2 aposentados e 5 domésticos, que representam 17% da amostra. Os participantes estão majoritariamente concentrados no nível superior (em curso ou concluído), que abrange 70% da amostra, seguindo-se o nível secundário que abrange 4 participantes (13%); nesta ordem de ideia, 3 (10%) possuem o nível técnico profissional e 2 (7%) possuem o nível primário.

Sendo mais criterioso neste sentido, o estudo contou com 2 pessoas (7%) do nível primário, 4 (13%) do nível básico, 13 (43%) do nível médio, 9 (30%) licenciados e 2 (7%) mestres.

Para 83% (25) dos participantes a deficiência é total e 17% (5) possuem deficiência parcial, ou seja, são amblíopes. Nesta ordem de ideia, para 87% (26) dos participantes a deficiência visual é adquirida e para 13% (4), a deficiência é congênita, ou seja, nasceram cegos. Dos participantes com deficiência adquirida, como início da deficiência 13 é a idade com maior frequência (3) e a idade média é 24, sendo 15 a mediana. Deste conjunto o participante que adquiriu a deficiência mais cedo foi o que a adquiriu com 1 ano de vida e o que a adquiriu mais tarde foi com 67 anos.

Gráfico 1: Consumo de informações jornalísticas por parte dos participantes do estudo



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com o gráfico acima, dos 30 participantes, 7% cujo valor real é 2, não acompanham informações jornalísticas e 93% (28) acompanham.

Exploradas as razões, os participantes apresentaram justificações variadas embora com alguns pontos convergentes concretamente no que toca os que consomem informação jornalística.

Um dos que não acompanha afirmou que embora tenha interesse, a razão está por detrás da falta de acesso aos meios de recepção da informação: *“Não acompanho informações jornalísticas, porque não tenho os meios de recepção da informação como rádio ou telefone, mas tenho interesse de a cada dia saber o que se passa no mundo mas não tenho nem telefone, nem rádio”*.

O acesso ao produto é um dos pré-requisitos para o consumo ou como elabora Wolf (1999), a disponibilidade para o consumo não se cinge a tudo o que é proposto pelos meios de comunicação; está limitada pela capacidade e pela possibilidade efectivas de a eles ter acesso.

O outro respondeu que não acompanha informações jornalísticas por mera falta de interesse em informações dessa natureza. Eis a resposta na íntegra: *“Não, porque não tenho interesse nesse tipo de informações, nunca me concentrei em jornais, essas coisas. Acho que desde que nasci as*

informações jornalísticas nunca chamaram a minha atenção mesmo tendo uma televisão em casa. Mas sinto que de alguma forma tenho que me focar mais nisso, me parece necessário”.

Pode-se inferir que este participante não experimentou nenhuma necessidade que o conduzisse para o consumo de informações jornalísticas uma decisão fundamentada no seu desinteresse por esse tipo de conteúdo, sendo que para este caso, o efeito da *media* é inexistente visto que segundo Wolf (1999), o efeito da comunicação de massa resulta das satisfações às necessidades experimentadas pelo receptor sendo a *media* eficaz na medida em que o receptor lhe atribui tal eficácia, baseando-se precisamente na satisfação das necessidades.

Também, esta pessoa não pode ser influenciada por nenhuma mensagem da *media* porque ela não está disponível para o consumo pois mesmo a mensagem do mais potente dos meios de comunicação de massas não pode influenciar o indivíduo que não faça uso dela no contexto sociopsicológico em que vive (KATZ, 1959 citado por WOLF, 1999).

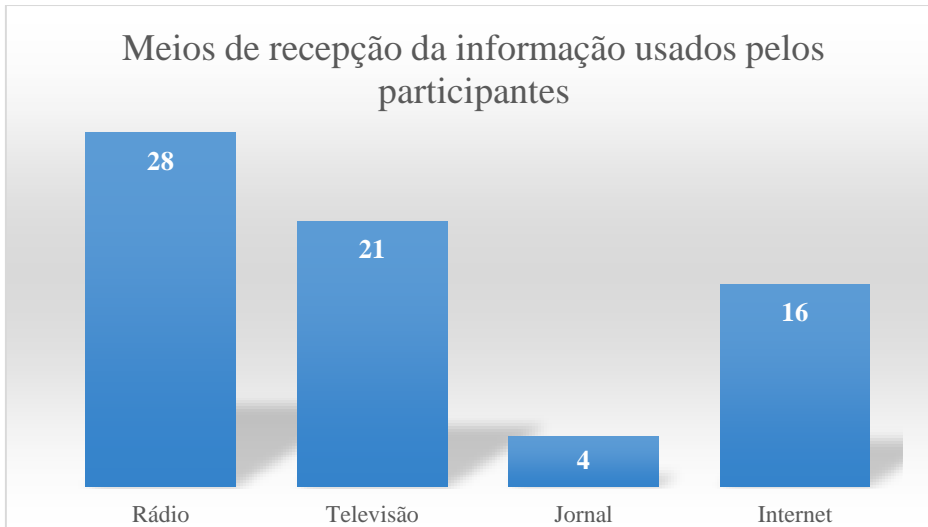
No entanto, a particularidade deste participante está na pré-disposição para um consumo futuro, pois segundo o que disse, a informação é de certa forma necessária, o que portanto, abre espaço para uma eventual influência futura por parte da *media*. Essa mudança de atitude reflecte a flexibilidade e adaptabilidade das escolhas de *media* das pessoas, destacando como as necessidades e circunstâncias podem influenciar significativamente suas preferências de informação.

Os participantes que responderam afirmativamente atendem aos dois pré-requisitos recentemente invocados, o acesso à informação e a disponibilidade para o consumo.

Wolf (1999) acrescenta que a associação entre satisfação da necessidade e escolha do meio de comunicação é representada como uma opção do destinatário num processo racional de adequação dos meios disponíveis aos fins que pretende atingir.

É importante recordar que a teoria dos usos e gratificações sugere que a audiência representa um papel activo no processo de comunicação, o que implica que as pessoas escolhem os meios de comunicação baseadas em objectivos racionais e na busca da satisfação das suas necessidades. A utilização dos meios é guiada por um fim específico e as pessoas buscam o melhor meio para satisfazer as suas necessidades (WOLF, 1999). Os gráficos a seguir são bem ilustrativos nesses aspectos.

Gráfico 2: Meios de recepção da informação usados pelos participantes

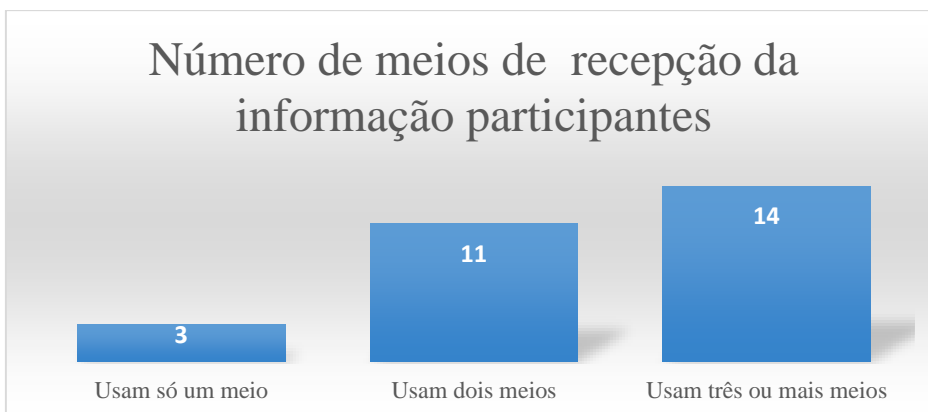


Fonte: Elaboração Própria

O gráfico acima representa os meios pelos quais os participantes do presente estudo acompanham informações jornalísticas, sendo possível notar que, dos que acompanham, todos usam a rádio, dos 28, 21 usam a televisão, 4 o jornal e 16 usam a internet. É possível verificar que a rádio é o meio mais usado e o jornal é o menos usado.

Para complementar este gráfico, o que se segue ilustra o número de meios que os participantes do presente estudo usam.

Gráfico 3: Número de meios de recepção da informação



Fonte: Elaboração Própria

Como é possível constatar, a maioria dos participantes usa mais de um meio para acompanhar informações jornalísticas. A escolha dos meios é maioritariamente guiada pela acessibilidade dos mesmos mas outros participantes foram mais longe do que a simples acessibilidade, razões como hábito, familiaridade com o meio, procurar fazer a comparação das informações para apurar a veracidade das mesmas foram das mais invocadas, como é possível notar em algumas das respostas a pergunta *“Através de que meios de comunicação social (Jornal, Rádio, Televisão, Internet) acompanha informações jornalísticas? Porquê?”*

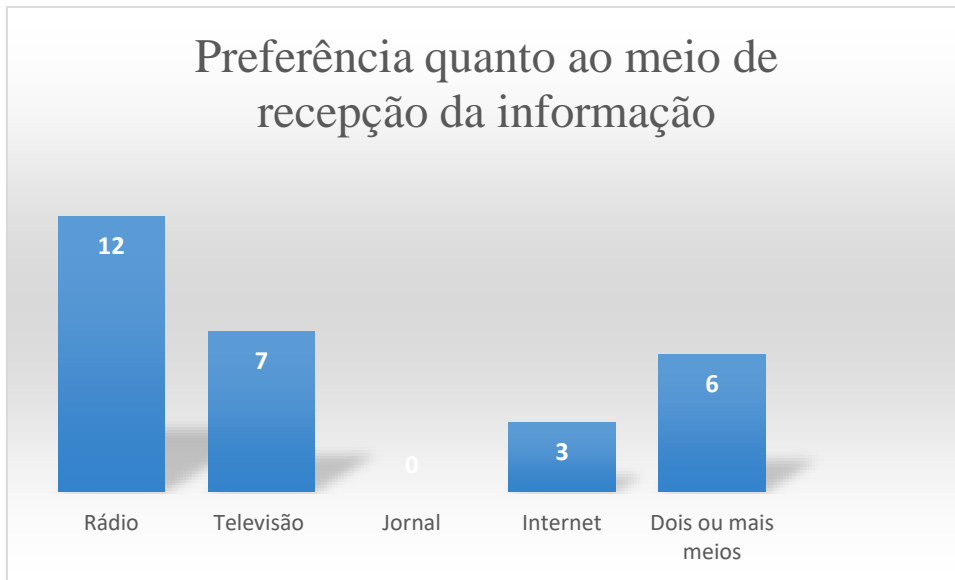
Tabela 2: Meios de comunicação social usados pelos participantes e respectivas razões

- Jornal (Escrito), Rádio, televisão e internet, por conta da acessibilidade que tenho a esses meios.
- Rádio, televisão e internet, em geral por conta da acessibilidade. A televisão acompanho porque lá existem alguns apresentadores de que gosto e é fácil para mim diferente do jornal, esse é inacessível para mim por conta da deficiência.
- Rádio, televisão e internet, por conta da acessibilidade, são os únicos meios que vejo como acessíveis para mim.
- Jornal (Electrónico) [*Leio o jornal a partir do computador que traduz o texto em voz], Rádio, televisão e internet por conta da acessibilidade que tenho a esses meios.
- Jornal, Rádio, Televisão [*mas as imagens passam despercebidas] e internet, por conta da acessibilidade.
- Rádio e televisão por conta da acessibilidade. São os mais acessíveis para mim, por conta da minha condição.
- Rádio, televisão [*Pela credibilidade da informação] e internet [*Não gosto muito porque há pouca credibilidade].
- Rádio [*Porque cresci escutando a rádio e é o mais acessível para mim por conta da minha condição]; Televisão está na mesma linha.
- Rádio e televisão por hábito.
- Jornal (Electrónico), Rádio, Televisão e Internet, para fazer a comparação da fidedignidade das informações. Os outros meios servem mais para apurar as informações que recebo da internet. [*O jornal que recebo em PDF importo para o meu leitor no computador e a partir disso escuto as informações], só uso jornais electrónicos porque os físicos deveriam estar em braille e não há esse sistema de impressão no país.
- Rádio, televisão e internet por conta da acessibilidade e são os mais simples de se obter. Convergem num único meio, o celular.

Nota: Para evitar a repetição, algumas das respostas que invocavam simplesmente a acessibilidade como razão do uso do meio foram suprimidas.

Para procurar verificar a preferência quanto ao meio de comunicação, os participantes foram alvos da seguinte questão: “Qual é o seu meio de comunicação social preferido para recepção da informação jornalística? Porquê?”

Gráfico 4: Preferência quanto ao meio de recepção da informação



Fonte: Elaboração Própria

Como ilustra o gráfico acima, a rádio é o meio mais preferido entre os participantes para a recepção da informação, seguida da televisão. Um dado interessante revela que há quem prefere mais de um meio para a recepção da informação e nenhum dos participantes expressou preferência exclusiva pelo jornal. Não houve unanimidade nas razões mas a que foi mais invocada foi a acessibilidade de acordo com cada participante, como ilustram algumas das respostas a questão em destaque:

Tabela 3: Meios de Comunicação social preferidos pelos participantes e respectivas razões

- Rádio porque a rádio não exige muito esforço para aceder à informação, é só sintonizar a estação e já está.
- Rádio porque só preciso escutar e a informação é partilhada facilmente independentemente do lugar em que esteja.
- Rádio porque lá a informação é mais rápida e é mais acessível para mim.
- Rádio, por conta da minha condição.

- Rádio porque cresci escutando rádio, passei a minha infância a escutar a rádio.
- Televisão porque a televisão dá detalhes enquanto a rádio só corta.
- Rádio porque é o meio mais prático para mim por conta da minha deficiência.
- Televisão porque para mim, a televisão é mais abrangente, mas por conta da minha deficiência, quando há imagens que não são descritas, em alguns casos, estando alguém do meu lado descreve para mim e uma vez que eu adquiri a deficiência consigo imaginar tais imagens.
- Internet porque escuto as notícias à noite e por isso tenho a possibilidade de escutar os programas gravados, o que não é possível na rádio.
- Internet, porque é abrangente e tem alternativas de informação diferenciada.
- Rádio, por puro hábito, já que venho do campo lá é o meio a que tinha acesso.
- Acompanho mais a rádio pela correria, dá muita informação em pouco tempo.
- Televisão porque não tenho muito tempo para ligar o celular e acompanhar a rádio por conta das minhas ocupações.
- Rádio, por conta da facilidade, por ser um meio auditivo, adequa-se a minha condição.
- Televisão porque ganho informação no momento em que se dá o acontecimento, acompanho a informação ainda fresca.
- Ambos, dependendo do sítio onde estou. Quando estou em casa prefiro mais a televisão e quando estou noutro sítio prefiro mais rádio.
- Internet, porque é abrangente e tem alternativas de informação diferenciada

Segundo Wolf (1999), a disponibilidade para o consumo não se cinge a tudo o que é proposto pelos meios de comunicação; está limitada pela capacidade e pela possibilidade efectivas de a eles ter acesso. Por outro lado, essa capacidade e essa possibilidade estão ligadas às características pessoais e sociais do destinatário, à sua habituação e familiaridade com um determinado meio, à competência comunicativa deste, ou seja, a disponibilidade para o consumo de informações está profundamente ligada às circunstâncias individuais e contextuais de cada pessoa, o que é possível verificar nas respostas acima como: *“Rádio porque cresci escutando rádio, passei a minha infância a escutar a rádio”*; *“Rádio, por puro hábito, já que venho do campo lá é o meio a que tinha acesso”* – habituação e familiaridade com o meio rádio; *“Rádio, por conta da facilidade, por ser um meio auditivo, adequa-se a minha condição”*; *“Rádio porque é o meio mais prático para mim por conta da minha deficiência.”* – ligação com as características pessoais do destinatário; *“Rádio porque a rádio não exige muito esforço para aceder à informação, é só sintonizar a estação e já está”*; *“Rádio porque só preciso escutar e a informação é partilhada facilmente independentemente do lugar em que esteja”*; *“Televisão*

porque a televisão dá detalhes enquanto a rádio só corta”; *“Internet, porque é abrangente e tem alternativas de informação diferenciada”* – competência comunicativa do meio, sem deixar de lado que no processo de comunicação de massa, grande parte da iniciativa de relacionar a satisfação das necessidades com a escolha dos meios de comunicação, depende do destinatário. De referir que segundo Wolf (1999) a afinidade relativa com diferentes *media* se associa às diferenças de expectativas e gratificações pretendidas.

Para complementar as informações anteriormente apresentadas, os participantes partilharam as suas preferências relativamente a questão: *“Que programas de natureza jornalística acompanha e em que canais acompanha? Porquê?”*. De referir que o noticiário, programas de debate e programas educativos foram os mais mencionados. A RM, a nível da rádio, lidera a preferência do público e a nível da televisão encontra-se a STV e as razões para tal são variadas e incluem a simpatia, hábito ou familiaridade e competência comunicativa da emissora em si.

Tabela 4: Programas jornalísticos que os participantes acompanham e respectivos canais

- Jornais e Debates na RM, porque cresci ouvindo a RM, é por uma questão de hábito e também porque ainda não vi algo que supera a RM.
- Jornais (da Manhã, da Tarde e da Noite) na RM porque não é repetitiva em termos de informação e é credível enquanto outras rádios são repetitivas.
- Noticiários, debates mas debates de qualidade porque há muitos debates que não têm qualidade. STV e RM porque gosto desses canais e dos conteúdos que trazem.
- Noticiários, Debates, geralmente na RM e na STV, por uma questão de hábito. Na STV, antes porque era diferente da TVM, em termos de conteúdo, perspectiva e tempo dos intervalos; agora acompanho por comodismo.
- Noticiários, na Miramar (Balanço Geral e Fala Moçambique), TVM (Gosto mais porque tem uma forma muito diferente de transmitir a informação), TV Sucesso e STV.
- Telejornal, debates (*mas só de raspão, não tenho o hábito de acompanhar debates), na TVM por ser um canal de fácil acesso, não exige muitos custos.
- Noticiário e debates, na RM (dá noticiário adequado sobre o país), RM Desporto, e TV Miramar.
- Noticiário, programas educativos, debates [*tenho preferência por programas que adicionam algo ao meu conhecimento].

- Notícias e debates nas mais variadas rádios (RM, Savana, Cidade, Índico); na STV, TV Sucesso, porque para mim, são televisões credíveis que não filtram a informação; já fui a outras televisões e percebo essa diferença, no detalhe que dão à informação.
- Telejornal, programas desportivos, debates, na RM e RM Desporto porque as outras não trazem muita novidade; TVM (Telejornal), STV (*Debate), Miramar (Telejornal) e TV Sucesso (*Debate).
- Notícias, debates, na RM, porque a RM é a rádio mãe e é a mais abrangente do país, onde quer que eu esteja ela está lá.
- Boletim Informativo da RM e Fala Moçambique, só por hábito.
- Telejornal, Balanço Geral, debates, na STV, Miramar e TV Sucesso porque são os canais que têm debates interessantes e são os canais com que me identifico.
- Debate político, linha directa, trata-se do desenvolvimento de uma nação; jornal da tarde na RM.
- Debates (Resenha Semanal), noticiário, Contacto Directo na Miramar.
- Noticiário, programas educativos, na RM porque a informação é trazida de forma rápida e detalhada.
- Programas educativos [*para me auxiliarem na educação do meu filho, Telejornal, Debates,
- Noticiário na STV e TV Sucesso porque não escondem nada, dão detalhes enquanto os outros só cortam.
- Noticiários, na RM, porque é abrangente, e STV, por conta dos conteúdos, por ser uma TV directa em termos de conteúdo.
- Telejornal, Balanço Geral, Miramar [*porque dão coisas que me sinto bem em acompanhar].
- Telejornal, Balanço Geral na Rádio e na TV Miramar porque me cativam, são coisas que vejo que dá para eu estar com elas.
- Balanço Geral, Casos do dia, na Miramar, e na TV Sucesso; e RM nas noites.
- Noticiário e debates na STV (*pela preocupação que tem em descrever os pormenores) e na RM, Rádio e Televisão Miramar, mas a minha preferência é pelos debates, para balançar a opinião de especialistas e enriquecer a minha forma de pensar.
- Noticiário, Balanço Geral, na RM e na Rádio Miramar, pelo conteúdo que é agradável para mim e porque são fontes fidedignas de informação
- Noticiário na RM, pelo profissionalismo e porque há possibilidade de acompanhar as notícias de hora em hora.
- Jornal da Noite na RM porque é o canal que mais me cativa.
- Jornal da Noite na RM por hábito mas na internet as informações são aleatórias.
- Noticiário na RM, Rádio Miramar, por preferência.

Segundo Wolf (1999), a fonte das satisfações que o destinatário, eventualmente, extrai da *media*, pode ser o conteúdo específico da mensagem, a exposição ao meio de comunicação em si mesma ou a situação comunicativa particular ligada a um determinado meio.

Para complementar a informação anteriormente apresentada e considerando as intervenções dos participantes sobre os programas que acompanham e os canais em que acompanham pode-se verificar que o conteúdo está em grande medida em frente na fonte das satisfações dos participantes pelo que foram unânimes nessa resposta.

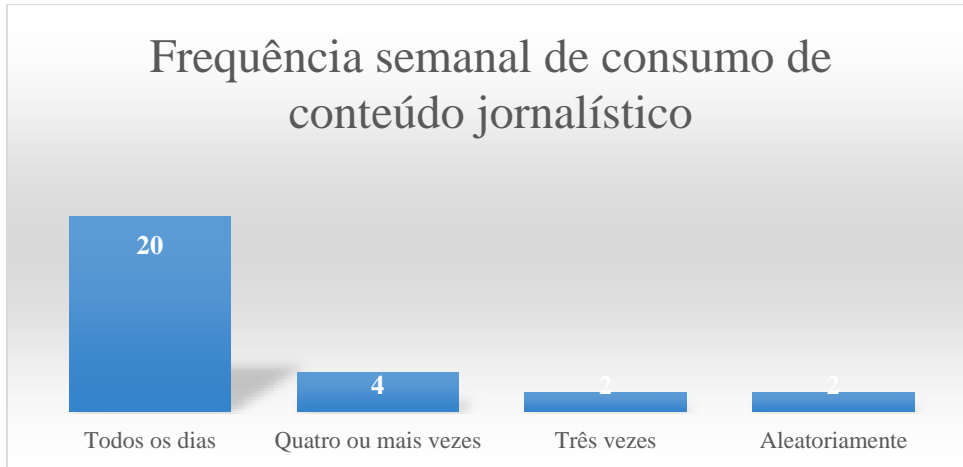
No entanto, há outras fontes que foi possível apurar como é o caso da simpatia que alguns participantes afirmaram ter por certos apresentadores, o que por si só conduz as pessoas a acompanharem determinados programas de natureza jornalística. *“Há algum apresentador ou jornalista que lhe influencia a acompanhar algum programa de natureza informativa?”*

Tabela 5: Mensagem versus comunicador

- Admiro alguns jornalistas e isso às vezes me leva a acompanhar alguns programas informativos, por mais que não haja tanto conteúdo basta que me coloque determinadas figuras a apresentar o telejornal ou a moderar um debate estarei lá, é o caso de António Tiua, Arão Quambe, Rosa Freitas e Afonso Chavo.
- Eu inspiro-me no Bernardino e Jorge Matavel e às vezes acompanho os programas por conta dessas figuras.
- Não acompanho por nenhum apresentador, acompanho pelas mensagens em si.
- Eu não sigo apresentadores mas sim persigo a mensagem, aquela que me interessa.
- Não sigo nenhum apresentador, o que me interessa é simplesmente o conteúdo da mensagem.
- Acompanho a informação pela necessidade de me informar e não por seguir algum apresentador.
- Não acompanho informações por conta de apresentadores e o mais engraçado é que nem conheço os nomes das pessoas que apresentam os programas informativos; a minha preocupação é com as notícias, com a mensagem em si.
- Embora admire alguns jornalistas o essencial para mim é a informação, então a simpatia não é determinante para seguir um e outro conteúdo.
- Em algum momento contribui porque quero informação que me cativa pois há informação que simplesmente não cativa. A forma como o jornalista transmite a informação é determinante para mim.
- Embora o conteúdo da mensagem seja muito importante para mim, há vezes em que me guio pela simpatia, por exemplo, no Balanço Geral, se não for o Jorge Matavel a apresentar o programa, perco parte do interesse em acompanhar o programa.
- Sim. Balanço Geral, gosto do Jorge Matavel e costumo acompanhar o programa por causa dele.
- Não. A informação é que é convidativa para mim e não o apresentador. O que importa são os factos e não a pessoa que os traz.
- Sim, há situações em que acompanho o programa por conta do apresentador como é o caso do Balanço Geral que acompanho por conta do Jorge Matavel, gosto muito dele; Até em casa dizem que é meu marido porque gosto muito de lhe acompanhar.

Nota: Para evitar a repetição, algumas das respostas que se cingem no “não” foram suprimidas.

Gráfico 5: Frequência semanal de consumo de conteúdo jornalístico

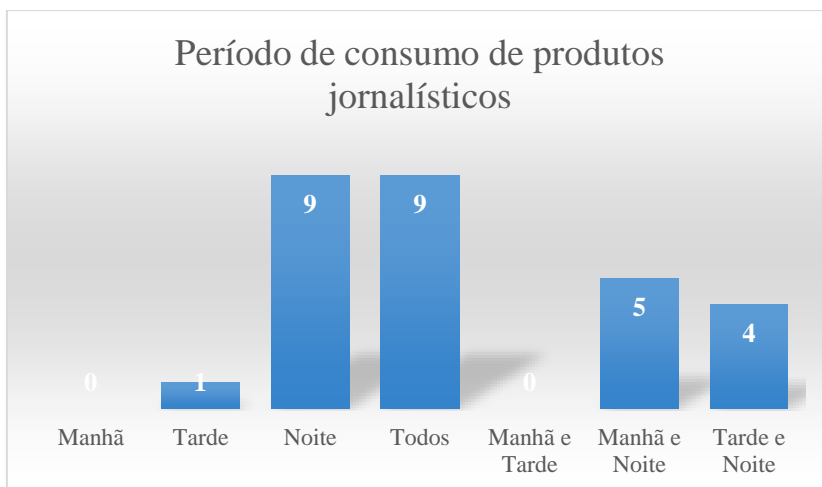


Fonte: Elaboração Própria

Para complementar as informações anteriormente apresentadas os participantes foram questionados sobre a frequência semanal com que acompanham informações jornalísticas ao que a maior parte respondeu que todos os dias, seguindo-se 4 pessoas que acompanham quatro ou mais vezes, 2 que acompanham três vezes e 2 que acompanham aleatoriamente.

O gráfico a seguir complementa este e revela os períodos em que os participantes se concentram com o conteúdo jornalístico.

Gráfico 6: Período de consumo de produtos jornalísticos



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com o gráfico é possível verificar que nenhum participante tem preferência exclusiva pelo período da manhã para o consumo de informações de natureza jornalística e da mesma forma nenhum tem preferência exclusiva pela combinação entre os períodos da manhã e da tarde, 1 prefere exclusivamente o período da tarde, alguns (5) combinam o período da manhã com o da noite e outros (4) o período da tarde e o da noite sendo a preferência pelo período da noite e todos os períodos o que lidera esta questão contado com a preferência de 9 participantes em cada um dos períodos.

Entre as razões que estão por detrás desse fenómeno, a que foi mais mencionada foi a disponibilidade, ou seja, maioritariamente, a escolha do período está aliada com a disponibilidade dos participantes para o consumo, ou seja, os participantes seleccionam o melhor período para o efeito considerando outras obrigações quotidianas como é possível verificar nas seguintes respostas:

Tabela 6: Período de consumo de produtos jornalísticos e respectivas razões

- | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> • À noite porque é o momento em que estamos todos lá em casa e acompanhamos o telejornal todos juntos. • À tarde geralmente é o momento em que estou disponível para acompanhar informações dessa natureza. • De manhã e à noite, por conta da minha disponibilidade. • À noite, por conta da minha disponibilidade e porque tenho a convicção de que a notícia se dá no fim do dia, à tarde são só notícias incompletas. • À tarde e à noite, por conta da minha disponibilidade, é o período em que mais tenho tempo. • A qualquer momento porque gosto de me manter informado a todo o momento. • Nas manhãs e nas noites, não por mera disponibilidade nesse período mas porque isso é parte da minha agenda. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Nota: Esta tabela não inclui todas as respostas, é antes uma representação da linha de respostas dos participantes que as resume

Um dos pontos centrais da teoria dos usos e gratificações é o papel central conferido a audiência no acto comunicativo, encarada como activa, ou seja, uma parte importante da utilização da *media* tem um objectivo (WOLF, 1999).

Tendo em conta esse aspecto, embora as respostas tenham variado significativamente, os participantes que acompanham informações jornalísticas foram unânimes em considerar que o fazem com o objectivo primário de se informar sobre o que acontece no país e no mundo, o que é visível em algumas das respostas à questão “*Porquê acompanha informações jornalísticas?*”:

Tabela 7: Razões do consumo de produtos jornalísticos

- Na maior parte das vezes é só para passar o tempo mas também porque gosto de me informar.
- Porque quero me informar e me actualizar através das notícias.
- Para me manter informado sobre o que acontece no país e no mundo.
- Para estar actualizado, estar a par do que acontece a volta do mundo.
- Para saber da actualidade nacional e internacional.
- Para estar por dentro do que acontece no país.
- Porque a informação é muito importante no geral e principalmente para a minha profissão.
- Porque eu gosto muito de colectar informação porque viver sem informação equivale a viver no escuro.
- Porque uma pessoa informada vale por dois, é necessário estar informado.
- Porque acho que é importante estar informado para poder ter a percepção dos eventos que acontecem a minha volta.
- Tenho que conhecer o que acontece ao meu redor e poder passar a informação para outras pessoas.
- Porque me permitem visualizar o que acontece no mundo em várias dimensões (cultura, sociedade, economia,...)
- Porque a informação é útil para saber como o mundo está e onde e como encontrar boas oportunidades

Nota: Para evitar a repetição, algumas das respostas que invocavam simplesmente a necessidade de se informar sem termos ou expressões adicionais foram suprimidas.

Os participantes demonstraram unanimidade ao corresponder o seu interesse pelas informações jornalísticas e embora diferentes em alguns casos, as respostas representaram alguma unanimidade e convergência como se pode notar a seguir:

Tabela 8: Interesse em produtos jornalísticos

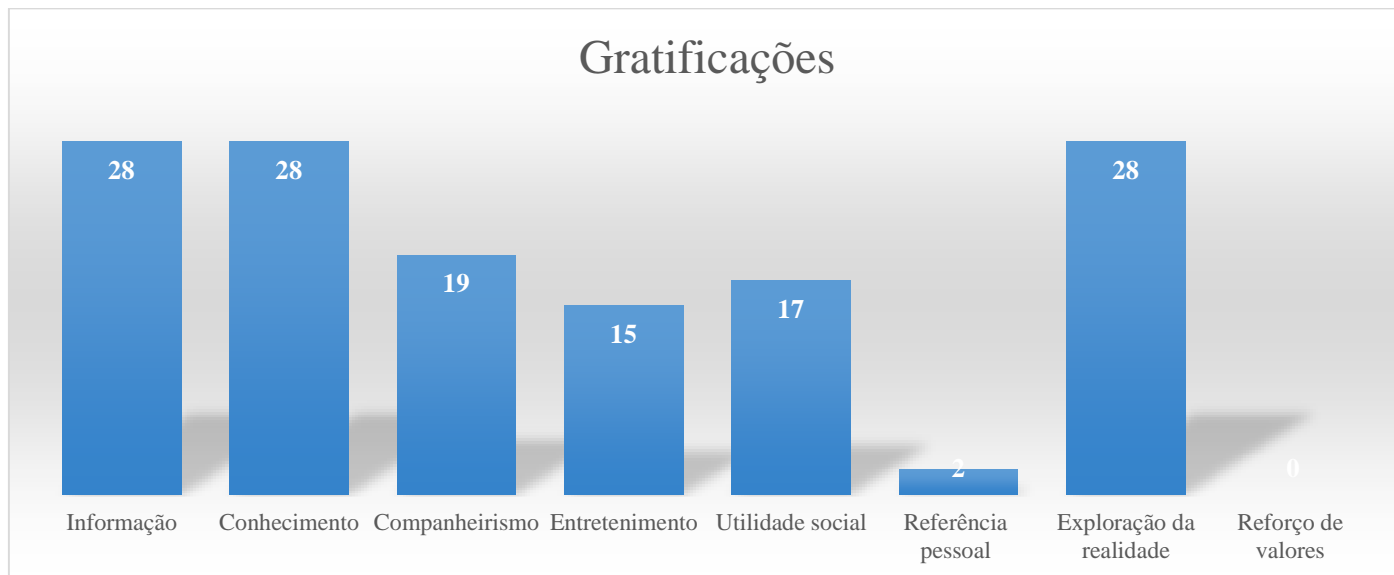
- Sim, porque de outra forma não saberia o que está a acontecer no mundo.
- Sim, porque me colocam a par dos acontecimentos diários.
- Sim pois estar sempre informado é uma das exigências da minha área de actuação.
- Sim, porque é a comunicação social que me deixa a par dos assuntos permitindo-me tomar uma posição sólida sobre os mesmos.
- Sim, porque mantenho-me informado sobre o mundo e sobre conteúdos de cultura geral
- Sim, porque a ausência de informações jornalísticas equivale a viver no nada. Ademais, a informação é que norteia a nossa vida.
- Sim, porque quero me manter informado, aprender a comunicar com o mundo e melhorar o meu discurso.
- Sim, porque é necessário, para me informar sobre o mundo e tenho até incentivado o meu filho a acompanhar porque reconheço a importância desse tipo de informação, pois o país pode estar a arder sem você estar a perceber.

- Sim, porque me permite conhecer factos que acontecem no mundo, me mantendo informado.
- Sim, porque sendo estudante em busca das melhores condições de vida, as informações jornalísticas direccionam-me melhor para os meus objectivos.
- Sim, porque é importante ter informação para saber como me comportar, como me posicionar e ela guia os meus comportamentos diários.
- Sim, porque gosto da área, porque quero saber como o mundo está, como a sociedade está, porque sou apaixonada pela área jornalística

Nota: Para evitar a repetição, algumas das respostas que invocavam simplesmente a necessidade de se informar sem termos ou expressões adicionais foram suprimidas.

Exploradas as questões referentes ao acesso aos meios de comunicação, preferência, modalidade de exposição e as respectivas razões, é chegado o momento de explorar as gratificações que o grupo social em apreço extrai do consumo de informações jornalísticas.

Gráfico 7: Gratificações



Fonte: Elaboração Própria

Como é possível verificar de acordo com o gráfico acima, as gratificações que as pessoas com deficiência visual extraem do consumo de produtos jornalísticos incluem: informação, conhecimento, companheirismo, entretenimento, utilidade social, referência pessoal e exploração da realidade.

A informação, conhecimento e exploração da realidade são as gratificações que todos os participantes em apreço extraem do consumo de produtos jornalísticos. Ademais, são gratificações que se complementam entre si.

Ora vejamos, segundo Oliveira (2015), a audiência busca informação e opiniões sobre assuntos públicos e acontecimentos do mundo global. A audiência sente, portanto, necessidade de se informar e de estar informada e quando isso acontece sente-se gratificada. Essa gratificação ocorre quando visualiza tópicos noticiosos quer individualmente quer na companhia de outros.

As informações partilhadas nas tabelas 7 e 8 revelam a materialização das gratificações informação, conhecimento e exploração da realidade, sendo relevante acrescentar que esta última destaca a pertinência de que os programas podem ser amparo directo na vida da audiência, portanto, a audiência cria laços de proximidade e de identificação com conteúdos mediáticos.

As gratificações informação e conhecimento estão mais concentradas em respostas como: *“Mantendo-me informado, como cidadão, consigo saber do que acontece no dia-a-dia; Ter informação e estar actualizado sobre o que acontece no Mundo; Torno-me um cidadão mais atento e mais consciente; O benefício é de ter conhecimento do que acontece no país e não só.”*

A exploração da realidade refere que as pessoas consomem a *media* para obter uma compreensão mais profunda da realidade ao seu redor, o que envolve o desejo de aprender, compreender e se envolver com aspectos do mundo real por meio da *media*. Ora vejamos algumas das respostas que evidenciam a efectivação desta gratificação que podem ser encontradas nas perguntas: *Porquê acompanha informações jornalísticas? E que benefícios obtém do consumo de informação jornalística?: Porque quero me informar e me actualizar através das notícias; Para me manter informado sobre o que acontece no país e no mundo; Para estar actualizado, estar a par do que acontece a volta do mundo; Para saber da actualidade nacional e internacional; Para estar por dentro do que acontece no país; Porque me permitem visualizar o que acontece no mundo em várias dimensões (cultura, sociedade, economia,...); Porque a informação é útil para saber como o mundo está e onde e como encontrar boas oportunidades; imagine que a Cidade de Maputo fique paralizada por conta de alguma greve, saber disso me permite estar preparado para essa situação; Eu me preparo para saber o preço do combustível, para saber o que vestir no dia seguinte através das informações sobre a previsão do tempo; Actualizo-me,*

entendo para onde vou; se dizem que a moeda está depreciada, como devo me ajustar, gosto de perceber como o câmbio está.

As gratificações em apreço (informação, conhecimento e exploração da realidade) revelam a satisfação de necessidades cognitivas relacionadas com a aquisição e reforço de conhecimentos e de compreensão.

A gratificação companheirismo verificou-se em 19 pessoas, como ilustra o gráfico acima.

O companheirismo implica que os membros da audiência consomem a *media* para satisfazerem a necessidade de companhia ou para se sentirem menos solitárias. Portanto, a *media* pode actuar como uma forma de companhia para indivíduos que buscam uma interação social, conexão emocional ou simplesmente uma sensação de presença humana (OLIVEIRA, 2015). Alguns dos participantes responderam que as informações jornalísticas em algum momento lhes fazem companhia como é possível verificar nas seguintes respostas: *“Consumo o que vem na televisão também com o objectivo de aprender coisas novas, às vezes esses conteúdos fazem-me companhia quando estou sozinho; Às vezes, quando estou com problemas de insônia ligo a rádio para acompanhar notícias e informações sobre a previsão do tempo; Em algum momento as informações jornalísticas fazem-me companhia, por exemplo, estava sozinho em casa a acompanhar o telejornal e isso fez-me companhia; As informações são como um amigo que me faz companhia no momento em que estou sozinho; Há dias que ficando sozinho em casa acedo às informações para me fazerem companhia”*.

A gratificação entretenimento verificou-se em 15 participantes. Segundo Oliveira (2015), esta consiste na busca da diversão ou relaxamento procurando proporcionar alívio aos aborrecimentos e problemas vividos na rotina diária. Portanto, é possível verifica-la nas seguintes respostas: *“Uso a informação para ocupar a mente; As informações de teor cultural e desportivo me entretêm; No momento das divergências de opinião em debates entretenho-me, alguns desses momentos são bem engraçados para mim, quando as pessoas começam a se ofender, por aí, a maneira como cada um aborda o assunto é às vezes para mim matéria de entretenimento; Quando estou sozinha em casa e quando não estou a fazer nada, às vezes acompanho para me distrair; Fico muito feliz quando acompanho notícias; quando oiço às vezes aquilo me faz uma terapia na mente”*.

Segundo Oliveira (2015), a gratificação “utilidade social” coloca os *media* no patamar de conversação com os membros da audiência (o próprio sujeito, família ou grupo). A *media* configura-se como via capaz de proporcionar, de uma forma mais fácil, a partilha de informação, da interação social. O conteúdo não é uma variável suficiente para tirar conclusões sobre a audiência. Esta gratificação verificou-se em 17 participantes o que é visível nas seguintes respostas: *“Ajuda-me a me posicionar em debates junto de amigos; as informações permitem-me interagir melhor com os meus amigos e garantem-me melhores intervenções na turma; as informações jornalísticas permitem-me discutir alguns assuntos com conhecimento de causa; quero interagir e contribuir de alguma forma em fóruns de debate, não quero ficar de fora porque primeiro, para debater uma coisa há que conhecer; as pessoas até admiram porque sendo uma pessoa com deficiência consigo dizer o que está a acontecer no mundo; as informações ajudam-me a debater assuntos com propriedade; é importante acompanhar o jornal para debater sobre os assuntos que lá passam, é nos debates que aprofundamos os conhecimentos junto de outros colegas; quando vou a um debate sei como me expressar, em que momento devo me expressar como ser e estar num debate; A informação ajuda-me nos debates para falar coisas com propriedade; A sabedoria, mais aprendizado, por exemplo, acerca da Educação Inclusiva, sendo um tema do meu interesse costumo debater junto de alguns amigos; sinto-me capaz de contribuir em diversas vertentes porque a informação dá-nos habilidades de participação em diferentes vertentes e amplia a minha perspectiva de debate sobre os mais variados assuntos; A informação me faz crescer, facilmente interpreto os fenómenos e até partilho os assuntos com outras pessoas; quanto mais ouvimos o noticiário saberemos como interagir com os outros. As informações jornalísticas ajudam-me a me posicionar em fóruns de debate”*.

Oliveira (2015) aponta que a referência pessoal está relacionada com o facto de as pessoas, no seu dia-a-dia, sentirem um conjunto de diferentes necessidades ou carências que, no entender delas, podem ser gratificadas com a exposição aos dispositivos *media*. Esta gratificação refere-se ao motivo pelo qual algumas pessoas consomem *media* para encontrar modelos, inspiração ou orientação em suas vidas pessoais. Esta gratificação verificou-se em 2 participantes por meio das seguintes respostas: *“...a informação é útil para saber como o mundo está e onde e como encontrar boas oportunidades; A partir das informações jornalísticas actualizo-me, entendo para onde vou”*.

A categoria reforço de valores pressupõe que a audiência visualiza conteúdos que evidenciam os valores em que acredita, como por exemplo, a visualização de programas que ilustram a pertinência da família (OLIVEIRA, 2015). Esta não se verificou em nenhum dos participantes, ou seja, nenhuma das respostas conduziu a esta gratificação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia proposta para a presente pesquisa respondeu positivamente aos objectivos traçados. O estudo envolveu uma amostra diversificada de 30 pessoas com deficiência visual, abrangendo uma ampla faixa etária e níveis variados de formação académica. Um destaque notável é a presença significativa de participantes com formação universitária, o que reflecte a riqueza e heterogeneidade da amostra.

No decorrer do estudo foi possível aferir que a rádio se destaca como o principal meio escolhido pelos participantes para aceder às informações jornalísticas. A acessibilidade e a familiaridade desempenham um papel fundamental nessa preferência. De referir que ninguém manifestou preferência exclusiva pelo jornal, no entanto há entre os entrevistados os que apontaram a necessidade da aposta em jornais em Braille, lançando-se assim um desafio para o sector da comunicação social em Moçambique. No pacote de recomendações, os participantes que acompanham a rádio e a televisão, em especial, adicionaram a necessidade de se intensificar a descrição das imagens para melhor apreensão das informações, pois esse aspecto não é amplamente observado, o que faz com que certas notas informativas passem despercebidas.

Os participantes demonstraram unanimidade ao corresponder ao interesse pelas informações jornalísticas e embora as motivações variem ligeiramente, a necessidade de estar a par dos eventos que se desenrolam no país e no mundo é um denominador comum.

O conteúdo está em grande medida em frente na fonte das satisfações dos participantes pelo que foram unânimes nessa resposta. No entanto, é também possível notar que a afinidade por certos apresentadores influencia na escolha de programas jornalísticos.

No que diz respeito às hipóteses, este estudo invalida a primeira que supunha que a maioria das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo não obtém nenhuma gratificação com informações jornalísticas pela limitação da possibilidade de acesso. Pelo contrário, a pesquisa demonstrou que a maioria tem, de facto, acesso à informação e a aprecia.

Pelo que foi possível apurar estando em maior número de acordo com a amostra, algumas pessoas com deficiência visual preferem a rádio para ter acesso à informação jornalística obtendo gratificações como a própria informação, conhecimento, companheirismo, diversão ou

entretenimento e outras que foi possível trazer ao longo da pesquisa como é o caso de exploração da realidade, referência pessoal e utilidade social.

“Valendo-se do recurso auditivo há pessoas com deficiência visual que recorrem a plataformas específicas para reproduzir em forma de áudio os conteúdos jornalísticos que lhes chegam em forma de texto e assim desfrutar das gratificações”, hipótese validada a partir de algumas das respostas dos próprios entrevistados como: *“Leio o jornal a partir do computador que traduz o texto em voz. O jornal que recebo em PDF importo para o meu leitor no computador e a partir disso escuto as informações; só uso jornais electrónicos porque os físicos deveriam estar em braille e não há esse sistema de impressão no país.”*

Em relação à pergunta central do estudo, assume-se que as pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo obtêm gratificações significativas da informação jornalística veiculada na *media* moçambicana. Estas gratificações incluem: informação, conhecimento, companheirismo, diversão ou entretenimento, exploração da realidade, referência pessoal e utilidade social. De referir que a informação, conhecimento e exploração da realidade são as gratificações predominantes extraídas por todos os participantes do presente estudo que acompanham informações jornalísticas.

Este estudo destaca a importância contínua de tornar a informação jornalística acessível a todos, independentemente das suas capacidades visuais, garantindo assim que todos tenham a oportunidade de se beneficiar destas ou outras gratificações.

Referências Bibliográficas

Livros

FERNANDES, Edite Manuela. *Estatística Aplicada*. Braga. 1999

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

LAKATOS, Maria Eva; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª Edição. São Paulo: EDITORA ATLAS. 2003

LETRIA, José Jorge. *A Cidadania explicada aos jovens... e aos outros*. 3ª Ed. Lisboa. 2003

MCQUAIL, Denis. *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa. 2003

SANTOS, Carla Maria. *Estatística Descritiva – Manual de auto-aprendizagem*. 2ª Edição, Lisboa. 2010

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos do Jornalismo Impresso*. Porto. 2001

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2ª Edição. Porto. 2006

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são?*. Vol 1. EDITORA INSULAR: Florianópolis. 2005

WOLF, Mário. *Teorias da Comunicação*. 5ª Edição. Lisboa: EDITORIAL PRESENÇA. 1999

Artigos

ALVES, Edilania Reginaldo. *Caracterizando a surdez: fundamentação para intervenções no espaço escolar*. Revista Lugares de Educação, Bananeiras. 2012

AMIRALIAN, Maria *et al*. *Conceituando deficiência*. São Paulo. 2000. Revista de Saúde Pública

BECKER, Paula; RAVELOSON, Jean-Aimé. *O que é democracia?*. Luanda. 2011

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007

FERREIRA, Raquel. *A perspectiva de Usos e Gratificações sobre o consumo dos conteúdos de “mau gosto”*.

FRANÇA, Giovana Silva; MARTINS, Fernando Batistuzo Gurgel. *Pessoas com deficiência: definição, tipos e trajetória histórica*. São Paulo. 2019

GIL, António Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008

Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico – Maputo Cidade*. Maputo. 2021

LIMA, Maria Eliene; JUNIOR, António da Silva Menezes; BRZEZINSKI, Iria. *Cidadania: Sentidos e Significados*. Brasil

MAUNZE, Xadrique Hermínio *et al.* *IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017 – Resultados Definitivos*. Instituto Nacional de Estatística. Maputo. 2019

Organização Mundial da Saúde. *Relatório Mundial sobre a deficiência*. 2011

Organização Mundial da Saúde. *Relatório Mundial sobre a Visão*. 2021

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *World Report on Vision*. Suíça: OMS, 2019. 180p.

PICCOLO, Gustavo Martins. *Participação e representação: a pessoa com deficiência nas arenas do poder*. Florianópolis. 2022. Revista do centro de Ciências da Educação.

Plano Nacional da Área da Deficiência – PNAD II 2012-2019. Maputo. 2012

RIBEIRO, Nuno. *Mulimédia e Tecnologias Interactivas*. 2009

SCHLEIDER, Francieli Vanessa. *Caracterização da surdez e a construção da sua identidade por meio da língua brasileira de sinais – (LIBRAS)*. Brasil. 2012

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel; MELLO, Anahi Guedes. *Nem toda a pessoa cega lê em Braille nem toda a pessoa surda se comunica em língua de sinais*. São Paulo. V. 33, n.2, p. 369-385. 2007

Dissertações

JULIOTTI, Renata Elias. *Jornalismo Humanitário Inclusivo – da teoria à prática: estudo sobre a inclusão profissional de jornalistas com paralisia cerebral*. São Bernardo do Campo, 2022, 162 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022

Teses

OLIVEIRA, Adriana. *Media, usos e gratificações nas famílias numerosas católicas portuguesas*. Coimbra, 2015, 448 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação, ramo: Sociologia da Comunicação e dos *Media*) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015

Legislação

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de Julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009: Declaração Universal dos Direitos Humanos. Vitória: Ministério Público do Trabalho, 2015. 124p.

Declaração Universal dos Direitos Humanos – Adoptada e Proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de Dezembro de 1948

MOÇAMBIQUE. *Lei da Imprensa Moçambicana* – Aprovada pela Lei nº18/91 de 10 de Agosto

MOÇAMBIQUE. *Constituição da República de Moçambique – Lei nº1/2018 de 12 de Junho – Lei da Revisão Pontual da Constituição da República de Moçambique* – Edição 2018. Imprensa Nacional de Moçambique, E.P


Protocolo à Carta Africana dos Direitos Humanos e dos povos relativo aos Direitos das Pessoas com Deficiência em África), adoptado pela trigésima sessão ordinária da conferência, realizada em Adis Abeba, Etiópia, a 29 de Janeiro de 2018

Apêndice

Guião de Entrevista

A presente entrevista tem o objectivo de recolher dados para uma investigação no domínio do Jornalismo em torno do tema: *Preferência mediática das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo: uma análise centrada na teoria dos usos e gratificações.* Analisar as preferências e as gratificações que as pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo obtêm da informação jornalística veiculada na *media* moçambicana é o objectivo geral da pesquisa.

O estudo abrange as pessoas com deficiência visual que se encontram na Cidade de Maputo e os dados fornecidos serão exclusivamente utilizados para fins de investigação científica.

 Escola de Comunicação e Artes	Preferência mediática das pessoas com deficiência visual na Cidade de Maputo: uma análise centrada na teoria dos usos e gratificações	Data ____/____/____
i. Dados Pessoais		
1. Idade () Anos	2. Sexo: M () F ()	
3. Estado Civil	4. Nível de escolaridade (em curso ou concluído)	
a) Casado/a ()	a) Primário (1 ^a - 6 ^a classe) ()	
b) Solteiro/a ()	b) Secundário (7 ^a - 12 ^a classe) ()	
c) Divorciado/a ()	c) Técnico-Profissional ()	
d) Viúvo/a ()	d) Superior ()	
5. Ocupação _____	4.1. Grau Académico	
6. Grau da Deficiência	a) Elementar ()	
a) Total ()	b) Básico ()	
b) Parcial ()	c) Médio ()	
6.1. Período da deficiência	d) Licenciatura ()	
a) Adquirida () Idade _____	e) Mestrado ()	
b) Congénita ()	f) Doutoramento ()	
ii. Questões gerais		
1. Acompanha informações jornalísticas? Porquê?		

2. Através de que meios de comunicação social (Jornal, Rádio, Televisão, Internet)? Porquê?

3. Qual é o seu meio de comunicação social preferido para recepção da informação jornalística? Porquê?

4. Que programas de natureza jornalística acompanha e em que canais acompanha? Porquê?

5. Qual é o seu maior interesse ao acompanhar informações jornalísticas, interesse exclusivo na mensagem (conteúdo) ou necessidade de exposição ao meio de comunicação em si?

6. Há algum apresentador ou jornalista que lhe influencia a acompanhar algum programa de natureza informativa?

7. Quantas vezes por semana acompanha informações jornalísticas?

7.1. Em que período ? Porquê?

a) Manhã ()

b) Tarde ()

c) Noite ()

8. Tem algum interesse em receber informações jornalísticas? Porquê?

9. Que benefícios obtém do consumo da informação jornalística (Informação, conhecimento, companheirismo, entretenimento...)?

Alguma pergunta? Obrigado!

O Entrevistador _____